



EDINA APARECIDA DA SILVA

**MARCAS DE ORALIDADE EM TEXTOS MULTIMODAIS:
UMA ANÁLISE DO GÊNERO CHARGE**

**LAVRAS –MG
2022**

EDINA APARECIDA DA SILVA

**MARCAS DE ORALIDADE EM TEXTOS MULTIMODAIS:
UMA ANÁLISE DO GÊNERO CHARGE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Linguagem, Cultura e Sociedade para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Raquel Márcia Fontes Martins
Orientadora

**LAVRAS - MG
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Silva, Edina Aparecida da.

Marcas de oralidade em textos multimodais: uma análise do
gênero Charge / Edina Aparecida da Silva. - 2022.
80 p. : il.

Orientador(a): Raquel Márcia Fontes Martins.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de
Lavras, 2022.

Bibliografia.

1. marcas de oralidade. 2. multimodalidade. 3. charge. I.
Martins, Raquel Márcia Fontes. II. Título.

EDINA APARECIDA DA SILVA

**MARCAS DE ORALIDADE EM TEXTOS MULTIMODAIS:
UMA ANÁLISE DO GÊNERO CHARGE**

**ORALITY MARKS IN MULTIMODAL TEXTS: AN ANALYSIS OF
THE GENRE CHARGE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Linguagem, Cultura e Sociedade para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 27 de setembro de 2022
Profa. Dra. Helena Maria Ferreira UFLA
Profa. Dra. Ana Paula Huback UFLA

Documento assinado digitalmente
 RAQUEL MARCIA FONTES MARTINS
Data: 24/01/2023 21:12:16-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Raquel Márcia Fontes Martins
Orientadora

**LAVRAS - MG
2022**

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus todo poderoso, por me sustentar nos momentos mais difíceis.

À Profa. Dra. Raquel Márcia Fontes Martins, por suas preciosas orientações, por acreditar no meu trabalho e, sobretudo, por ser paciente em instantes quando eu acreditava que não iria conseguir. Obrigada pelo respeito, pela confiança, pela solidariedade e pela ética profissional! Raquel, você merece todo meu respeito e agradecimento!

À Profa. Dra. Helena Maria Ferreira, por ter aceitado fazer parte da banca examinadora. Por toda a contribuição oferecida, por sua conduta ética, por suas palavras de incentivo e por seu carinho e respeito durante toda a minha trajetória acadêmica. Helena, você é uma pessoa muito especial e é uma das principais responsáveis por meu interesse pela Linguística.

À Profa. Dra. Ana Paula Huback, por ter aceitado fazer parte da banca examinadora, pela disponibilidade, pelo apoio e pelas contribuições oferecidas durante todo o processo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Lavras, em especial: Profa. Dra. Márcia Fonseca de Amorim, Profa. Dra. Patrícia Almeida, Prof. Dr. Marco Antônio Villarta Neder, Prof. Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano, Profa. Dra. Mauricéia Silva de Paula Vieira, Profa. Dra. Helena Maria Ferreira, Prof. Dr. Rodrigo Garcia Barbosa e Profa. Dra. Raquel Márcia Fontes Martins.

Agradeço à minha família (irmãos, cunhadas e sobrinhos) pelos incentivos, apoio e torcida, em especial, à minha mãe Dalva Lúcia, pelo consolo e pelo socorro em horas tão incertas. Sou grata pelo exemplo de mãe, mulher, pessoa digna e, sobretudo, pelo carinho dedicado a mim e a toda família.

A todos os meus amigos de convívio diário ou à distância, aos meus amigos da trajetória acadêmica que já fizeram ou ainda fazem parte desta caminhada.

Enfim, a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para que eu chegasse até aqui, minha sincera e mais pura gratidão!

*Por vezes sentimos que aquilo que fazemos
não é senão uma gota de água no mar.
Mas o mar seria menor se lhe faltasse
uma gota. (Madre Teresa de Calcutá).*

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar marcas de oralidade presentes na escrita em textos multimodais. Para a análise, foi constituído um *corpus* formado por 14 charges que circulam em jornais, revistas e *sites* da internet. As charges analisadas foram selecionadas devido a variações linguísticas, aos recursos utilizados para destacar cada uma, como os gestos, as onomatopéias, ou seja, os diversos recursos linguísticos e não linguísticos utilizados. Os gêneros textuais charges são caracterizados como textos multimodais, pois apresentam um variado número de recursos. Pontuando essa questão, podemos destacar o conceito de oralidade defendido por Rojo(2009,2013, 2016), Ribeiro(2012)e Kress(1995), os quais os autores destacam a importância de diferentes textos presentes na contemporaneidade. Os textos multimodais são muito utilizados para expressar determinada opinião, posição, entre outros. Mas, é preciso ressaltar, principalmente, como esse tipo de texto pode influenciar determinado leitor. Levando essa questão em consideração propõe-se que o uso da língua e nesse caso a língua oral tem despertado cada vez mais interesse sendo portanto, motivo de vários estudos e com isso diversas discussões sobre a mesma. A ocorrência de marcas de oralidade de diferentes tipos, como as que são relacionadas aos marcadores conversacionais e à variação linguística na fala, aponta para a interação fala e escrita, que não são polos opostos como na visão dicotômica sobre essas duas modalidades da língua (MARCUSCHI, 2008). Para Marcuschi(2002), Urbano (1995) e Marquesi, Pauliukonis e Elias (2017) a língua falada poderá se apresentar de maneira dialógica própria e, poderá sofrer alterações de acordo com as interações. No gênero charge perpassamos pelos estudos de Costa(2020), Marquesi, Pauliukonis e Elias (2017), pelos quais os autores destacam o uso de um certo teor crítico, um determinado humor para assinalar uma visão política, contexto histórico e situações vivenciadas no cotidiano. Nesse sentido, a pesquisa teórica baseou-se em autores como Marcuschi (2001, 2008), Koch e Elias (2006), Rojo (2012), Marquesi, Pauliukonis e Elias (2017), Castilho (2002) e Dionísio (2005). Tal estudo indicou que há traços da língua oral que sinalizam marcadores conversacionais e variação linguística no gênero charge. E, que a leitura e compreensão desses textos encontrados no meio digital poderá sofrer alterações conforme o contexto inserido e além de ser essencial os conhecimentos anteriores, atuais e avançados sobre determinado assunto.

Palavras-chave: Marcas de oralidade. Escrita. Multisssemioses. Multimodalidade. Charge.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze orality marks present in writing in multimodal texts. For the analysis, a corpus formed by 14 cartoons that circulate in newspapers, magazines and internet sites was constituted. The analyzed cartoons were selected due to linguistic variations, the resources used to highlight each one, such as gestures, onomatopoeias, that is, the various linguistic and non-linguistic resources used. The textual genres cartoons texts are characterized as multimodal texts, as they present a varied number of resources. Punctuating this issue, we can highlight the concept of orality advocated by Rojo(2009,2013, 2016), Ribeiro(2012) and Kress(1995), whose authors highlight the importance of different texts present in contemporary times. Multimodal texts are widely used to express a certain opinion, position, among others. But, it is necessary to emphasize, mainly, how this type of text can influence a certain reader. Taking this issue into account, it is proposed that the use of language, and in this case oral language, has aroused more and more interest and is therefore the reason for several studies and, therefore, several discussions about it. The occurrence of orality marks of different types, such as those related to conversational markers and linguistic variation in speech, points to the interaction between speech and writing, which are not opposite poles as in the dichotomous view of these two language modalities (MARCUSCHI , 2008). For Marcuschi (2002), Urbano (1995) and Marquesi, Pauliukonis and Elias (2017) the spoken language may present itself in a dialogic manner and may undergo changes according to interactions. In the cartoon genre, we go through the studies of Costa (2020), Marquesi, Pauliukonis and Elias (2017), in which the authors highlight the use of a certain critical content, a certain humor to indicate a political vision, historical context and situations experienced in everyday life . In this sense, the theoretical research was based on authors such as Marcuschi (2001, 2008), Koch and Elias (2006), Rojo (2012), Marquesi, Pauliukonis and Elias (2017), Castilho (2002) and Dionísio (2005). This study indicated that there are oral language traits that signal conversational markers and linguistic variation in the cartoon genre. And, that the reading and understanding of these texts found in the digital environment may change according to the inserted context and in addition to being essential previous, current and advanced knowledge on a given subject.

Keywords: Orality marks. Writing. Multisemiosis. Multimodality. Cartoon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1–Oralidade Primária e Oralidade Secundária.....	15
Figura 1– Distribuição dos Gêneros Textuais no Contínuo	16
Quadro 2-Dicotomias estritas	20
Quadro 3-Visão culturalistas (continua)	21
Quadro 3- Visão culturalistas (conclusão)	22
Quadro 4–A perspectiva variacionista	22
Quadro 5-A perspectiva sociointeracionista.....	23
Quadro 6-Língua Falada e Língua Escrita.....	25
Quadro 7-Quadro sinais conversacionais.....	30
Figura 2–Charge 1	56
Figura 3–Charge 2	57
Figura 4–Charge 3	58
Figura 5–Charge 4.....	59
Figura 6–Charge 5	60
Figura 7–Charge 6	61
Figura 8–Charge 7(continua).....	62
Figura 8-Charge 7(conclusão)	63
Figura 9 –Charge 8	64
Figura 10–Charge 9(continua).....	64
Figura 10-Charge 9(conclusão)	65
Figura 11–Charge 10(continua)	65
Figura 12–Charge 11.	67
Figura 13-Charge 12.	68
Figura 14-Charge 13.	69
Figura 15-Charge 14.	70

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A ORALIDADE E A SUA IMPORTÂNCIA NA INTERAÇÃO.	11
2.1 Perspectivas sobre fala e escrita.....	19
3. MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA.....	27
3.1 Marcadores conversacionais linguísticos.....	32
3.2 Marcadores conversacionais linguísticos prosódicos	35
3.3 Marcadores conversacionais não linguísticos.....	38
4. MULTIMODALIDADES E MULTISSEMIOSES NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO.....	42
5. GÊNERO CHARGE- AS MARCAS PREDOMINANTES DO GÊNERO TEXTUAL	53
6. METODOLOGIA.	55
7. ANÁLISE DE MARCAS DE ORALIDADE NA CHARGE	56
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS.....	75

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a busca por informações se faz cada vez mais necessária e, com isso, o uso das novas tecnologias digitais da informação e comunicação – TDICs – tem se intensificado (RIBEIRO, 2018). Nessa esteira, o interesse pelo conhecimento e pela compreensão de diferentes linguagens presentes nos inúmeros textos encontrados nesses meios digitais torna-se mais frequente e indispensável.

A utilização de diversos aplicativos encontrados em instrumentos como *tablets*, celulares e computadores tem suscitado a discussão entre estudiosos a respeito da construção de saberes fora e dentro de sala de aula. Em vista disso, Rojo (2012), Koch e Elias (2006) e Kleiman e Vieira (2006) são pesquisadoras que se dedicam ao vasto campo do(s) letramento(s) e multiletramentos.

Sendo assim, entendemos que os processos de letramento com a presença de textos multimodais, nos quais são utilizados diferentes modos de expressão (orais, visuais, gráficos, escritos etc.), estão cada vez mais atuantes no cotidiano de toda a sociedade. Para tanto, esta dissertação tem como foco o gênero de texto multimodal charge, com o principal objetivo de analisar marcas de oralidade existentes nesse tipo de texto que engloba tanto a escrita quanto outras semioses.

As charges circulam em jornais e revistas digitais ou impressos, *blogs*, entre outros, e são voltadas para o humorismo, para a sátira e para o deboche. No gênero referido, há quase sempre uma figura política ou uma personalidade muito conhecida (em destaque no momento) que é evidenciada de maneira grotesca e caricata (COSTA, 2020).

Diante do exposto, para a realização deste estudo, foi feita uma pesquisa teórica sobre a oralidade, as **marcas de oralidade**, as multissemioses e o gênero charge. Em seguida, foi elaborado para análise um *corpus* constituído por algumas charges que circulam em jornais, revistas e *sites* da internet. Assim, na primeira seção, foi desenvolvido o conceito de oralidade, fundamental para a construção desta pesquisa. Por conseguinte, foram discutidas, de modo mais detido, as marcas de oralidade. A partir dessa discussão sobre as marcas de oralidade, foram abordadas a multimodalidade e a multissemiose, bem como o gênero charge. Na sequência, a metodologia e a análise foram apresentadas. Por fim, foram tecidas as considerações finais deste estudo que, por sua vez, não buscam encerrar as discussões, mas sim ramificar e potencializar novas tematizações a respeito das marcas de oralidade em textos multimodais e multissemióticos.

2. ORALIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NA INTERAÇÃO

Tendo em vista o preâmbulo apresentado na introdução, iniciaremos este capítulo discorrendo um pouco sobre a língua oral e a língua escrita. De acordo com os estudos de Marcuschi e Dionísio (2007):

Toda a atividade discursiva e todas as práticas linguísticas se dão em textos orais ou escritos com a presença de semiologias de outras áreas, como a gestualidade e o olhar, na fala, ou elementos pictóricos e gráficos, na escrita. Assim, as produções discursivas são eventos complexos constituídos de várias ordens simbólicas que podem ir além do recurso estritamente linguístico. Mastoda nossa atividade discursiva situa-se, grosso modo, no contexto da fala ouda escrita. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 13).

Desse modo, não é preciso muito para entendermos a relevância da oralidade e da escrita em nossa atividade discursiva, basta observarmos as atividades do cotidiano desempenhadas por cada um durante todo o dia. Uma simples conversa com a família, com os amigos ou até mesmo com desconhecidos, uma determinada história contada por alguém, próximo ou não, uma piada, um telefonema, uma fofoca, a elaboração de um bilhete, de uma carta, e assim por diante, já nos permite visualizar o protagonismo das modalidades orais e escritas da língua em nossas interações do dia a dia. Ademais, fala e escrita não são dicotômicas, mas interligadas, jáque, mesmo em uma sociedade em que a escrita penetrou de forma expressiva, ainda podemosafirmar que continuamos falando mais do que escrevendo. Assim, as modalidades da língua nosconstituem enquanto sujeitos em constante interação nos âmbitos sociais, históricos, culturaise ideológicos. Nesse sentido, Marcuschi e Dionísio (2007) sustentam:

Seguramente, todos concordamos que a língua é um dos bens sociais mais preciosos e mais valorizados por todos os seres humanos em qualquer época,povo e cultura. Mais do que um simples instrumento, a língua é uma prática social que produz e organiza as formas de vida, as formas de ação e as formasde conhecimento. Ela nos torna singulares no reino animal, na medida em quenos permite cooperar intencionalmente, e não apenas por instinto. Mais do queum comportamento individual, ela é atividade conjunta e trabalho coletivo, contribuindo de maneira decisiva para a formação de identidades sociais e individuais. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 14).

Diante disso, é válido ressaltar que, embora os fatores genéticos/biológicos sejam de extrema importância para a raça humana, não podemos deixar de considerar que os fatores sociais, culturais e históricos influenciam na maneira com que o sujeito se posiciona diante

de determinado acontecimento. Além disso, mesmo que o ensino de língua nas escolas continue, na atualidade, priorizando a língua escrita, não podemos negligenciar o fato de que a língua oralé utilizada em quase todos os momentos do nosso dia a dia. Nessa perspectiva, Marcuschi e Dionísio (2007) assinalam que:

[...] não há razão alguma para desprestigiar a oralidade e supervalorizar a escrita. Também não há razão alguma para continuar defendendo uma divisãodicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. [...] Não há preocupação alguma em louvar a oralidade diante da escrita nem em aconselhar um ou outro tipo de oralidade como o melhor. Todos os falares estão em ordem. Mas nem todos eles têm a mesma reputação social. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 15).

A citação acima traz para discussão os preconceitos sociais que perpassam os usos linguísticos. Com isso, as variações linguísticas, apesar de existirem em todas as línguas, não raro são vistas sob lentes discriminatórias e estereotipadas que se pautam muito mais em aspectos de ordem econômica e social do que propriamente linguísticos. Nesse sentido, é necessário que saibamos reconhecer que “a variação e a mudança linguísticas é que são o ‘estado natural’ das línguas, o seu jeito próprio de ser” (BAGNO, 2007, p. 37). Dessa forma, compreender a variação linguística é uma via para que possamos repudiar o preconceito linguístico. Em acréscimo, quando refletimos sobre variação linguística, atentamo-nos, de modo especial, à língua oral, uma vez que a oralidade é uma modalidade mais espontânea, ao passo que “a escrita tem normas e padrões ditados pelas academias. Possui normas ortográficasrígidas e algumas regras de textualização que diferem na relação com a fala. Mas isso ainda não significa que não haja variação nos modos de escrever”. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p.15-16).

Dito isso, é precípuo destacar que tanto a língua falada quanto a língua escrita obedecem, como práticas discursivas, a algumas regras. Caso contrário, as pessoas ao se comunicarem não se entenderiam. Nessa esteira, ainda segundo Marcuschi e Dionísio (2007):

Se cada um pudesse fazer o que quisesse e construísse os textos a seu bel-prazer, isso não daria certo porque não propiciaria a interação entre os interlocutores. Existem, portanto, regras a serem observadas tanto na fala como na escrita, mas essas regras são bastante elásticas e não impedem a criatividade e a liberdade na ação linguística das pessoas. A língua tem um vocabulário, uma gramática e certas normas que devem ser observadas na produção dos gêneros textuais de acordo com as normas sociais e necessidades cognitivas adequadas à situação concreta e aos interlocutores. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 16).

Os estudos da língua, até pouco tempo, não se importavam com os usos linguísticos reais, mas sim com as regras e normas da língua ou, melhor dizendo, com os aspectos formais. Na atualidade, embora haja, em alguns contextos educacionais, o foco no ensino da escrita – conforme mencionado anteriormente –, as aulas de línguas começaram a protagonizar a produção e a compreensão textual. Além disso, os gêneros textuais e as modalidades de uso da língua e seu funcionamento passaram a ser discutidos.

Não obstante, as investigações em relação à fala e à escrita foram prejudicadas por contido pensamento de que a fala se organizava no âmbito do *uso real* da língua, o que impedia um estudo metódico pela imensa variedade que constitui a oralidade. Já a escrita era estudada sob o viés estrutural, desconsiderando seu uso social. Assim,

Como a linguística se dedicava preferencialmente aos fenômenos do sistema da língua, não havia interesse na investigação no âmbito da fala ou da escrita quanto à manifestação empírica do uso da língua. Tratava-se de analisar o sistema, e não os usos e o funcionamento da língua. Hoje, a chamada linguística funcional que se ocupa dos usos dá grande atenção para os fenômenos reais do funcionamento da língua. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 24).

Um ponto a ser destacado é o de que, na realidade, a linguística não analisava nem a língua falada nem a língua escrita, pois, quando os textos orais eram estudados, as falas eram idealizadas. Na contramão da perspectiva estruturalista que concebia a língua enquanto sistema autônomo, Marcuschi e Dionísio (2007, p. 31) defendem que a língua, por ser uma prática social, “é muito mais um conjunto de práticas discursivas do que apenas uma série de regras ou um sistema de formas simbólicas”.

Diante do exposto, recorreremos, neste momento do texto, ao conceito de oralidade desenvolvido por Marcuschi (2001), haja vista que este trabalho tem como objetivo central discutir a respeito das marcas de oralidade que perpassam os textos multimodais e multissemióticos, com ênfase para o gênero textual charge. Para tanto, entendemos que:

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta de várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai de uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. (MARCUSCHI, 2001, p. 25).

A partir da definição trazida pelo autor, notamos que a oralidade é uma modalidade da língua na qual há o uso de diferentes recursos e que está presente em diversas práticas sociais ediscursivas, tanto em contextos informais quanto formais. Na oralidade, há de se

destacar que a entonação, o ritmo, os gestos, a postura, entre outros, influenciam na produção e na construção de sentidos no contexto discursivo.

Segundo Ong (1998), a oralidade pode ser dividida em duas partes: a *oralidade primária* e a *oralidade secundária*. A *oralidade primária* não sofre influência nenhuma da escrita ou da impressão, pois não mantém contato com ambas. Além disso, ela é caracterizada por ser proveniente, de forma estrita, da memória humana, ou seja, das lembranças guardadas pelo indivíduo.

De acordo com Pierre Lévy (1992), a *oralidade primária* baseia-se nos ensinamentos passados oralmente de geração a geração, normalmente expressos por nossos antepassados no próprio núcleo familiar, como os avós, tios e outras pessoas com mais experiência de vida. Ocorre quase sempre por meio das memórias de alguns “causos” vivenciados ou ouvidos que foram passados adiante por esses indivíduos mais idosos, caracterizando, assim, uma tradição. Lévy (1992) ainda afirma que a memória humana tem diferentes formas de armazenamento dessas informações e conhecimentos e que, por isso, é primordial entendermos o mínimo que seja sobre o funcionamento mnemônico.

Ademais, o autor dedica-se à análise de dois princípios da psicologia cognitiva. O primeiro seria o da memória de curto prazo, em que o sujeito busca memorizar a partir de repetições o maior número de informações, gravando em sua memória o que apenas naquele momento é importante para ele, como um número de telefone ou uma lista de palavras. Já no segundo princípio, o da memória de longo prazo, o estudioso defende que quanto mais associações emocionais o sujeito conseguir fazer, relacionando as informações a uma música ou a uma dança, por exemplo, mais fácil será a sua memorização. Nesse caminho, Lévy (1992, p. 47) afirma que “a palavra tem como função básica a gestão da memória social, e não apenas a livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana”.

Alguns exemplos de *oralidade primária* encontrados nos dias atuais são as melodias, as danças e as músicas que ainda sobrevivem e são transmitidas de uma geração a outra. No mais, não podemos deixar de aludir:

[...] à forma pela qual as representações e as maneiras de ser continuam a transmitir-se independentemente dos circuitos da escrita e dos meios de comunicação eletrônicos. A maior parte dos conhecimentos em uso em 1990, aqueles de que nos servimos em nossa vida cotidiana, nos foram transmitidos oralmente, e a maior parte do tempo sob a forma de narrativa (histórias de pessoas, de famílias ou de empresas). Dominamos a maior parte de nossas habilidades observando, imitando, fazendo, e não estudando teorias na escola ou princípios nos livros. (LÉVY, 1992, p. 51).

A *oralidade secundária*, por sua vez, ocorre por meio do armazenamento da escrita e da impressão. Nos dias atuais, a *oralidade secundária* é suprema, pois quase tudo é documentado e relatado, proporcionando um extraordinário avanço tecnológico. A cultura e a tradição orais ficam mais escassas, visto que quase toda sociedade tem contato com a tecnologia. Alguns exemplos da *oralidade secundária* são as rádios, a televisão, os computadores, o telefone e outros veículos de informação que fazem uso da escrita, como a imprensa.

Levando em consideração o avanço das informações e o uso desenfreado da internet, destacamos o papel das telecomunicações, as quais proporcionam grandes mudanças na vida das pessoas, uma vez que as notícias e as informações estão dispostas praticamente em tempo real.

Quadro 1- Oralidade Primária e Oralidade Secundária

Oralidade primária	Oralidade secundária
Memórias; Lembranças; (Melodias, danças, músicas) passadas de geração em geração	Documentação; Impressão; Televisão, rádios, computadores, telefones, veículos de comunicação como a imprensa Telecomunicações (internet)

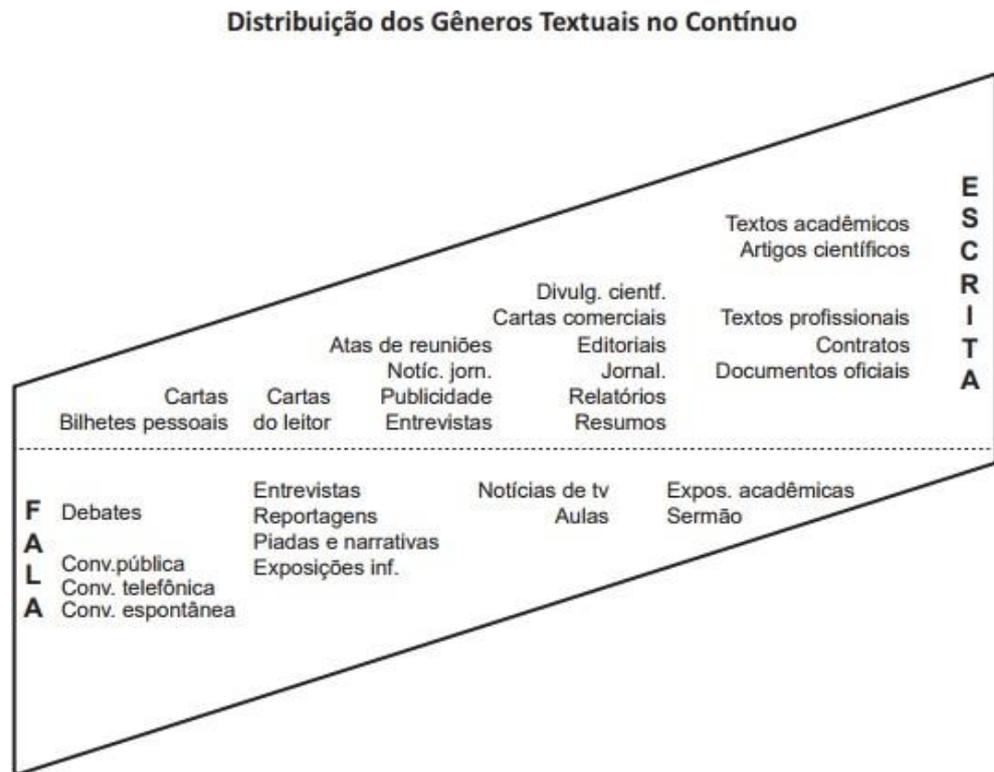
Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Diante desse breve panorama acerca da função da internet e dos meios de comunicação, é pertinente discorrermos mais sobre o papel da oralidade e da fala nesse contexto. Para tal, Marcuschi (2001) faz uma distinção entre as duas. Em conformidade com o autor, a fala seria um meio de comunicação existente no ser humano que não carece de muitos mecanismos para que se desenvolva. No entanto, precisamos nos atentar para o fato de que o teórico diz que a fala não carece de *muitos* mecanismos, a fim de não nos rendermos à ideia generalista de que a fala não precisa de outros mecanismos para se desenvolver. O próprio Marcuschi, em seus estudos sobre oralidade e letramento, retrata que:

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento que a mãe dá seu primeiro sorriso para o bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização. (MARCUSCHI, 2001, p. 18).

Assim, notamos que junto à fala há outros recursos, como gestos e movimentos do corpo, que auxiliam na construção textual-discursiva. Ademais, Marcuschi (2001, p. 25) assinala que a fala “é um conjunto de sons sistematicamente articulados e significativos. Ela é uma forma de produção textual para fins comunicativos”.

Figura 1- Distribuição de Gêneros Textuais no Contínuo



MARCUSCHI, L. A. Oralidade e escrita. *Signótica*, n. 9, p. 137, 1997 (adaptado).

Fonte: Marcuschi(1997, p.137)

Em interação com a fala, temos a escrita, a qual é indispensável para o nosso cotidiano, sendo considerada pela sociedade como um meio de superioridade e poder para aqueles que dela dispõem. Marcuschi (2003, p. 17) afirma que “sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve”. Apesar disso, não podemos considerar que a fala seja mais importante do que a escrita nem que a escrita seja mais importante do que a fala. Cada uma tem o seu papel e o seu valor diante de determinada situação comunicativa (MARCUSCHI, 2003). O autor ainda postula que:

São os usos que fundam a língua e não o contrário, defende-se a tese de que

falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. (MARCUSCHI, 2001, p. 9).

Nessa linha, a oralidade é uma forma de interação utilizada por um ou mais sujeitos em práticas sociais. Já a escrita, na maioria das vezes, é adquirida no âmbito institucional (escolar). De acordo com Tfouni (2006), muitos pesquisadores não analisam conjuntamente a escrita, a alfabetização e o letramento, apesar de estarem obrigatoriamente ligados. A autora também defende que “a relação entre eles é aquela do *produto* e do *processo*: enquanto sistemas de escrita são um produto cultural, a alfabetização e o letramento são processos de aquisição de um sistema escrito” (TFOUNI, 2006, p. 9).

A referida autora ainda pontua que a alfabetização está relacionada ao método de escolarização e de aprendizagem individual. Já o letramento compreende as pessoas que não possuem a alfabetização e tem como foco tudo que está relacionado ao social. Nesse sentido, uma pessoa é considerada alfabetizada quando sabe ler e escreve, ou seja, tem algum grau de escolarização. Já a pessoa considerada analfabeta não usufrui de tal benefício. A autora cita Pierre Giroux (1983:59), o qual o autor faz uma análise sobre a alfabetização.

A relação entre alfabetização e escolarização torna-se clara se considerarmos que, embora a criança possa primeiramente entrar em contato com a linguagem através de sua família, é principalmente na escola que a alfabetização se consuma. (TFOUNI, 2006, p. 17)

Sendo assim, Marcuschi (2001) esclarece:

Sabemos muito sobre métodos de alfabetização, mas sabemos pouco sobre processos de letramento, ou seja, sabemos pouco sobre a influência e penetração da escrita na sociedade. Mesmo as pessoas ditas “iletradas”, ou seja, analfabetas, não deixam de estar sob a influência das estratégias da escrita em seu desempenho linguístico, o que torna o termo “iletrado” muito problemático em sociedades com escrita. (MARCUSCHI, 2001, p. 20).

Com isso, não podemos deixar de ressaltar que nos dias atuais a escrita conseguiu penetrar nas práticas sociais e conquistar a sua aceitação. Nesse sentido, a escrita, junto à oralidade, está presente em diferentes situações do nosso cotidiano: no trabalho, numa lista de mercado, em um bilhete deixado em casa, na escola, em cartas, em papéis mais burocráticos como intimações, em cobranças etc. Entretanto, há muitas pessoas que não

sabem ler e escrever, as quais são denominadas analfabetas. Nessa perspectiva, Tfouni (2006) afirma:

Em uma sociedade letrada, apesar da maior parte das atividades ser organizada na forma da escrita, existem, no entanto, grupos de pessoas que delas participam de uma forma tangencial, até marginal, visto que não sabem ler e nem escrever. São os não-alfabetizados (*sic*), que têm sido descritos como “pré-lógicos”, “primitivos”, etc. (TFOUNI, 2006, p. 67).

Já para Soares (2004, p. 20), analfabeto é “aquele que não pode exercer em toda a sua plenitude os seus direitos de cidadão, é aquele que a sociedade marginaliza, é aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedades letradas e, mais que isso, grafocêntricas”. O sujeito não alfabetizado pode ser considerado cidadão, mas não exerce plenamente seus direitos. Aliás, sobretudo na contemporaneidade, não basta ser alfabetizado, é necessário dominar, também, outras linguagens. Em outras palavras, é preciso ser “letrado”. Assim, para que possamos entender melhor o papel da oralidade e da escrita, é essencial considerarmos o(s) letramento(s). Para tanto, Marcuschi (2001) faz uma análise sobre a definição proposta por Street (1995), na qual este defende que não existe somente um letramento e, por isso, devemos ter muito cuidado ao generalizar. Em consonância com Street (1995), Marcuschi (2001, p. 19) sustenta que “o letramento não é o equivalente à aquisição da escrita. Existem ‘letramentos sociais’ que surgem e se desenvolvem à margem da escola, não precisando por isso serem depreciados”. Nesse contexto, o autor ainda afirma que:

Até mesmo os analfabetos, em sociedades com escritas, estão sob a influência do que contemporaneamente se convencionou chamar de *práticas de letramento*, isto é, um tipo de processo histórico e social que não se confunde com a realidade representada pela alfabetização regular e institucional. (MARCUSCHI, 2001, p. 19).

A partir dos anos 80, há uma mudança de perspectiva, pois os pesquisadores e estudiosos que em décadas anteriores acreditavam que a oralidade e a escrita estariam em lados opostos, já não conseguem sustentar esse conceito. Em razão do desenvolvimento social, cultural, político e econômico enfrentado a partir dessa década, houve a necessidade de reformulação das práticas educacionais e, conseqüentemente, engendrou-se a demanda de um nível mais elevado de desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. Em linhas breves,

Considerava-se a relação oralidade e letramento como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais. Hoje [...] predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais. (MARCUSCHI, 2001, p. 16).

Ainda de acordo com Marcuschi (2005):

Uma vez adotada a posição que lidamos com práticas de letramentos e oralidade, será fundamental considerar que as línguas se fundam em uso e não o contrário. Assim, não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os merecedores de nossa atenção, mas os usos da língua, pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. São as formas que se adequam aos usos e não o inverso. (MARCUSCHI, 2005, p. 16).

Considerando-se essas reflexões, esta pesquisa busca trabalhar questões relacionadas ao letramento, a fim de aprofundar no estudo sobre a relação oralidade-letramento. A seguir, serão abordadas diferentes perspectivas sobre a fala e a escrita, que vão desde uma dicotomia estrita em que essas duas modalidades estariam situadas em dois polos opostos até relações que estabelecem convergências entre elas.

1.1 Perspectivas sobre fala e escrita

As perspectivas sobre a fala e a escrita dividem os pesquisadores. De um lado, há os que defendem uma dicotomia mais polarizada, em uma visão estrita. Doutra parte, há os que defendem que a fala e a escrita se relacionam muitas vezes, pertencendo a uma realidade cognitiva e social. A dicotomia estrita é rigorosa e restritiva, separando a língua falada e a escrita em dois polos. Nessa visão, considera-se que na língua falada há erros e desordem gramatical, ao passo que a língua escrita seria regida por regras. Segundo Marcuschi (2001),

A perspectiva das dicotomias estritas oferece um modelo muito difundido nos manuais escolares, que pode ser caracterizado como a visão imanentista que deu origem à maioria das gramáticas pedagógicas que se acham hoje em uso. Sugere dicotomias estanques com separação entre forma e conteúdo, separação entre língua e uso e toma a língua como sistema de regras, o que conduz o ensino de língua ao ensino de regras gramaticais. Esta visão, de caráter estritamente formal, embora dê bons resultados na descrição estritamente empírica, manifesta enorme insensibilidade para os fenômenos dialógicos e discursivos. (MARCUSCHI, 2001, p. 31).

A fim de sintetizar os pressupostos da perspectiva das dicotomias estritas, o linguista mencionado propõe o seguinte quadro:

Quadro 2- Dicotomias estritas.

FALA	<i>versus</i>	ESCRITA
Contextualizada		Descontextualizada
Dependente		Autônoma
Implícita		Explícita
Redundante		Condensada
Não Planejada		Planejada
Imprecisa		Precisa
Não normatizada		Normatizada
Fragmentária		Completa

Fonte: Marcuschi (2001, p. 27).

Outro viés é o da dicotomia culturalista, segundo o qual a cognição do indivíduo, seus pensamentos e conhecimentos se refletem na escrita. Marcuschi (2005) faz referência a Biber (1988) ao discutir, em sua obra, sobre as relações da fala e da escrita, ressaltando a importância da introdução da escrita no mundo e tratando-a como objeto de estudo. Para o autor, há uma expressiva valorização da escrita, considerando-se os grandes avanços desencadeados por ela para toda a sociedade, principalmente para a “sociedade dita letrada”:

Não há, pois, como negar que a escrita trouxe imensas vantagens e consideráveis avanços para as sociedades que a adotaram, mas é forçoso admitir que ela não possui algum valor intrínseco absoluto. Trata-se, sobretudo, do lugar especial que as sociedades ditas letradas reservaram a essa forma de expressão que a tornou tão relevante e quase imprescindível na vida contemporânea. (MARCUSCHI, 2005, p. 29).

Marcuschi (2001) ainda observa que as dicotomias estritas, em sua forma mais rigorosa, da mesma maneira vista pelos gramáticos, devem ter normas e seguir a um padrão denominado *norma culta*. Assim, teremos as dicotomias que dividem a língua falada e a língua escrita em dois blocos particulares.

Nessa concepção tradicional, a escrita é considerada mais complexa que a fala. Para Marcuschi (2001), a dicotomia estrita é caracterizada por uma *visão imanentista*, a qual atua de forma a designar uma separação e percebe a língua como um conjunto de regras que separam os textos orais dos textos escritos. Tal visão não expõe qualquer inquietação com os usos discursivos ou com o dialogismo, debilitando, assim, a concepção de texto.

Nas concepções dicotômicas, temos uma segunda orientação, de caráter culturalista, a qual Marcuschi (2001) sinaliza:

Uma segunda tendência é a que observa a natureza das práticas da oralidade *versus* escrita e faz análises sobretudo de cunho cognitivo, antropológico ou social e desenvolve uma fenomenologia da escrita e seus efeitos na forma de organização e de produção do conhecimento. (MARCUSCHI, 2001, p. 28).

Assim sendo, a cultura é assegurada no texto escrito por ter a competência de auxiliar na organização e na produção de conhecimento, servindo de suporte para o desenvolvimento cognitivo da humanidade. Conforme esse ponto de vista, a cultura oral é entendida como portadora do pensamento concreto, enquanto que a cultura letrada é compreendida como a forçado pensamento abstrato. Nessa esteira, Marcuschi (2001) ressalta que não podemos negar as grandiosas vantagens e o imenso avanço para as sociedades que adotaram a cultura letrada. Todavia, é difícil admitir que ela não possui *valor intrínseco absoluto*, ou seja, que o povo da sociedade que não a adotou seja menos inteligente ou menos civilizado que a sociedade que a tenha adotado. Gnerre (1985) destaca que há três pontos desvantajosos nessa concepção: o etnocentrismo, a supervalorização da escrita e o tratamento globalizante. O etnocentrismo tem a visão da cultura alheia a partir de sua própria cultura. Já a supervalorização da escrita,

[...] sobretudo a escrita alfabética, leva a uma posição de supremacia das culturas com escrita ou até mesmo dos grupos que dominam a escrita dentro de uma sociedade desigualmente desenvolvida. Separa as culturas civilizadas das primitivas. Esse aspecto deu origem a hipóteses muito fortes sobre a escrita, criando “uma visão quase mítica sobre a escrita”. (MARCUSCHI, 2001, p. 30).

No terceiro ponto, o tratamento globalizante, aponta-se a falsa crença que já foi e continua sendo desconstruída pelos estudos mais recentes, a qual sugeria haver uma dita “sociedade letrada”. Ao se analisar uma sociedade como a brasileira, notamos que ela não é inteiramente homogênea em relação ao letramento, mas há, sim, pequenos grupos considerados letrados. O quadro a seguir sintetiza a visão da dicotomia culturalista:

Quadro 3- Visão culturalistas.(continua)

CULTURA ORAL	VERSUS	CULTURA LETRADA
pensamento concreto		pensamento abstrato
raciocínio prático		raciocínio lógico
atividade artesanal		atividade tecnológica
cultivo da tradição		inovação constante
Ritualismo		Analicidade

Fonte: Marcuschi (2001, p. 29).

Além das perspectivas estrita e culturalista, há a variacionista, que considera os usos da língua falada e da língua escrita nas diferentes variedades (padrão e não padrão) e estilos de linguagem que se relacionam ao registro culto e ao registro coloquial da língua. O quadro seguinte sistematiza essa perspectiva:

Quadro 4- A perspectiva variacionista.

Fala e escrita apresentam:	
língua padrão	variedade não padrão
língua culta	língua coloquial
norma padrão	normas não padrão

Fonte: Marcuschi (2001, p. 31).

Conforme podemos observar, o viés variacionista não propõe uma dicotomia das línguas oral e escrita. Desse modo, ambas são apresentadas como tendo língua padrão e variedade não padrão; língua culta e língua coloquial; norma padrão e norma não padrão.

Uma quarta perspectiva seria a visão sociointeracionista, que também não é dicotômica e destaca o diálogo entre a fala e a escrita. Nessa concepção, é priorizada a interação, a conversação de indivíduos frente a frente (na língua oral, haverá pausas, gestos, olhares). Em um texto escrito, o autor precisa utilizar recursos linguísticos para uma melhor compreensão do leitor (língua escrita, a fim de viabilizar a construção de sentidos). Marcuschi (2005) apresenta a seguinte síntese sobre a perspectiva sociointeracionista:

Quadro 5- Perspectiva sociointeracionistas.

Fala e escrita apresentam:
1. Dialogicidade
2. Usos estratégicos
3. Funções interacionais
4. Envolvimento
5. Negociação
6. Situacionalidade
7. Coerência
8. Dinamicidade

Fonte: Marcuschi (2001, p. 33).

Apesar de a vertente variacionista se desprender dos preconceitos ideológicos evidenciados nas visões anteriores, conforme assinala Marcuschi (2005), ela dispõe de uma explicação limitada acerca dos fenômenos sintáticos e fonológicos da língua e das estratégias de compreensão textual.

Por isso, a proposta geral, se concebida em função com a visão variacionista e com os postulados da Análise da Conversação aliados à Linguística de Texto, poderia dar resultados mais seguros e com maior adequação empírica e teórica. Talvez seja esse o caminho mais sensato no tratamento das correlações entre formas linguísticas (dimensão linguística), contextualizada (dimensão funcional), interação (dimensão interpessoal) e cognição no tratamento das semelhanças e diferenças entre a fala e a escrita nas atividades de formulação textual-discursiva. (MARCUSCHI, 2005, p. 33).

Em linhas breves, entendemos que a fala e a escrita são aspectos relevantes para a organização linguística, enquanto a oralidade e o letramento se referem às práticas sociais que são efetivadas tanto na modalidade oral quanto na escrita (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007).

Aprofundando a discussão sobre a relação entre oralidade e escrita, apresentamos esta importante afirmação de Marquesi, Pauliukonis e Elias (2017) sobre a proposta interacionista:

O oral e o escrito se diferenciam por escolhas feitas pelo locutor enunciador, determinadas pela adequação a cada modalidade em cada um dos gêneros textuais por meios dos quais elas se manifestam (entrevistas, requerimento, receita culinária, conto, atestado, conversa telefônica, consulta médica, etc.). Além disso, é preciso observar a importância do suporte que permite

a efetivação do texto (rádio, tv, internet, jornal, revista, outdoor, etc.), o contexto em que se encontram os interlocutores e a interação que se estabelece entre eles. (MARQUESI; PAULIUKONIS; ELIAS, 2017, p. 14).

Ao abordar a visão interacionista, é importante mencionar uma das principais pesquisadoras brasileiras da área: Ingedore Villaça Koch. A estudiosa trata sobre a interação fala e escrita e sobre a construção de sentidos na atividade textual-discursiva nos seus trabalhos do ano de 1992 e 1997, respectivamente.

A cultura e a vida social seriam parte desse ambiente e exigiriam a representação, na memória, de conhecimento especificamente culturais. Entender a relação entre cognição e cultura seria, portanto, entender que conhecimentos os indivíduos devem ter agir adequadamente dentro da cultura em que se inserem. Ou seja, desse ponto de vista, a cultura é um conjunto de dados a ser apreendido, um conjunto de noções e de procedimentos a serem armazenados individualmente. A cultura é vista como um fenômeno em geral passivo, sobre o qual as mentes atuam. (KOCH, 2014, p. 29)

Conforme Koch e Elias (2006):

[...] necessário se faz considerar a materialidade linguística do texto, elemento a partir do qual se constitui a interação, [...] é preciso também levar em conta os conhecimentos do leitor, condição fundamental para o estabelecimento da interação, com maior ou menor intensidade, durabilidade, qualidade. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 19).

Nessa linha, “todo texto é resultado de uma coprodução entre interlocutores: o que distingue o texto escrito do falado é a forma como tal coprodução se realiza” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 40). No texto escrito, a sua elaboração acontece de maneira diferente, com tempo, planejamento e podendo ser reescrito inúmeras vezes, caso seja necessário. Assim,

Ao contrário do que acontece com o texto escrito, em que o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer um rascunho, proceder a revisões, “copidescagem” etc., o texto falado emerge no próprio momento da interação: ele é o seu próprio rascunho. (KOCH, 1992, p. 69).

Koch também afirma que o texto, após ter sido escrito, poderá sofrer alterações de sentido, ou seja, um mesmo texto poderá ser compreendido de formas diferentes de acordo com as circunstâncias. Seguindo esse pensamento, podemos visitar Castilho (2002), o qual faz relação entre as características da fala e da escrita. De acordo com o autor:

A linguagem humana é fundamentalmente dialógica, mesmo em sua

modalidade escrita. Uma diferença, entretanto, é que na LF os usuários estão em presença, e a construção do enunciado se ressent de maneira acentuada da interação que aí se desencadeia. Uma das óbvias consequências disso é que na língua escrita (LE) é necessário explicitamente as coordenadas espaço-temporais em que se movem as personagens, ao passo que na LF tais coordenadas já estão dadas pela própria situação da fala. (CASTILHO, 2002, p. 16).

Diante disso, o autor aponta a importância da transcrição da língua falada (LF) para a língua escrita (LE), evidenciando a relevância do locutor detalhar todos os elementos situacionais.

Quadro 6- Língua Falada x Língua Escrita

Língua Falada	Língua Escrita
<p>Conversação Simétrica (= conversação espontânea, sem planejamento temático)</p>	<p>Texto Coloquial (= cartas, peças de teatro,</p>
<p>Conversação Assimétrica (= situação de entrevista, tematicamente orientada)</p>	<p>Texto Corrente (= noticiários de jornal e revistas; relatórios e textos científicos)</p>
<p>Conversação Planejada (= aula, conferência, debates)</p>	<p>Texto Literário (= gêneros narrativos e gêneros líricos, redigidos com propósitos estéticos)</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Nesse caminho, Castilho (2002) argumenta:

Estas constatações banais apontam, entretanto, para processos dialógicos que geram consequências formais muito importantes, tais como a organização dos turnos e dos pares adjacentes, o sistema de reparação e correção, e a ampla utilização de diferentes classes gramaticais, denominadas coletivamente “marcadores conversacionais”. (CASTILHO, 2002, p. 16).

Em acréscimo, Castilho (2002) sustenta que os marcadores conversacionais (MCs) “verbalizam o monitoramento da fala, sendo frequentemente vazios de conteúdo semântico, portanto, irrelevantes para o processamento do assunto, porém altamente relevantes para

manter a interação (CASTILHO, 2002, p. 47).

Elias (2011, p. 19) comenta o posicionamento de Fávero, Andrade e Aquino (1999), no qual as autoras ressaltam que “os marcadores não têm a mesma distribuição e são distintos na oralidade e na escrita”. As estudiosas ainda argumentam que “esses marcadores servem para designar não só elementos verbais, mas também prosódicos e não linguísticos que desempenham uma função interacional qualquer na fala” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1999 apud ELIAS, 2011, p. 19).

Portanto, os marcadores conversacionais desempenham papéis e funções específicas incontornáveis tanto para a LF quanto para a LE. Pensando nessa importância, o próximo capítulo abordará as marcas de oralidade presentes na escrita, foco deste estudo.

3. MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA

As **marcas de oralidade** em textos escritos ganharam interesse de estudo principalmente com os trabalhos que abordavam as diferenças e relações entre oralidade e escrita, como as perspectivas abordadas na seção anterior. Os pesquisadores desse tema se interessaram tanto pelas distinções e interseções entre a fala e a escrita como pelos modos de aquisição, transmissão, recepção e organização estrutural dos textos. Isto posto, ao analisar a fala e a escrita, podemos afirmar que as duas são modalidades distintas da língua e que cada uma delas apresenta suas próprias características.

A língua falada possui três particularidades:

- a) Não há nitidamente um planejamento;
- b) O espaço é compartilhado entre dois ou mais interlocutores;
- c) Há comprometimento dos interlocutores entre si e com o conteúdo da interação.

Além disso, a oralidade(doravante LF), possui outros fatores fundamentais para a construção do texto conversacional, dentre os quais destacamos os subsequentes marcadores:

- a) Demarcação das relações interpessoais e da compreensão entre os interlocutores;
- b) Estabelecimento do conteúdo da conversação de modo individual e de forma que seja compartilhado entre todos os interlocutores;
- c) Associação e organização das unidades do conjunto linguístico.

Segundo Urbano (1995), os elementos mencionados acima são as unidades típicas da fala, as quais se apresentam com regularidade e reincidência, mas nem sempre constituem ou fazem parte do teor cognitivo do texto. Nesse sentido, os marcadores auxiliam na construção da coesão e da coerência no texto falado, funcionando como articuladores cognitivo-informativos tanto do texto como de seus interlocutores. Com isso, os MCs sinalizam, também, as situações de produção textual (URBANO, 1995).

Pinto (1988), em seus estudos, discorre sobre o uso da oralidade que se fez evidente a partir do século XX, contexto em que houve uma certa “dessacralização do vocábulo” devido à falta de preocupação dos escritores em relação à gramática e à aceitação sem reservas do público. Levando em consideração tal estudo de Pinto (1988), Marquesi, Pauliukonis e Elias (2017) salientam que:

A pesquisadora ainda enfatiza que, em se tratando do emprego *do léxico coloquial*, cada autor é um caso. Dessa forma, quando se fazem determinados comentários a respeito do período histórico em questão, alude-se a conceitos generalizantes. [...] Manipulados ou não, o certo é que os vocábulos populares, característicos da língua oral, podem ser facilmente encontrados na língua dos autores literários do Modernismo e da contemporaneidade. (MARQUESI; PAULIUKONIS; ELIAS, 2017, p. 69).

Retomando, de forma mais direta, a discussão acerca dos marcadores conversacionais, Marcuschi (1989, p. 282) defende que tais marcadores “operam simultaneamente como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, sendo, pois, multifuncionais”. Em diálogo com Marcuschi (1989), Castilho (1989) também ressalta a importância dos marcadores conversacionais para a estruturação e para a organização textual. No entanto, Risso, Silva e Urbano (2015) justificam que há uma certa dificuldade em compreender o “estatuto” dos marcadores e que ainda falta um “assentamento” de suas estruturas básicas:

Para efeitos de designação, adotamos aqui a denominação de marcadores discursivos (doravante designados como MDs), que nos parece ser mais adequada e abrangente do que a de marcadores conversacionais. Embora esta outra seja a mais corrente e aceita entre os linguistas brasileiros, reconhecemos nela uma limitação por sugerir, de forma inevitável e inadequada, um comprometimento exclusivo com a língua falada, e, dentro dessa modalidade, com um gênero específico, que é a conversação. (RISSO; SILVA; URBANO, 2015, p. 372).

Ademais, Castilho (2002) explana sobre o ponto de vista de Halliday (1973) em relação às questões ligadas à linguagem. Castilho defende que não basta para uma explicação plausível o uso dos fatores sociais e sim adicionar as funções da linguagem. Para tanto, o autor menciona que Halliday estabelece três funções para a linguagem:

(1) Função ideacional: é a capacidade de informar e obter coisas informando. Halliday acredita que o falante representa na língua diferentes tipos de processos do mundo exterior, incluindo os processos materiais (ação, acontecimento, criação, operação) mentais (percepção, relação, cognição) e abstratos (relação) de todo tipo. (2) Função interpessoal: abrange todos os usos da língua para expressar relações sociais e pessoais, incluindo todas as formas de intervenção do falante na situação de fala e no ato de fala. (3) Essas duas funções praticamente esgotam as situações de uso da língua. Entretanto, precisaríamos também postular a função textual, que preenche a exigência de que a língua seja operacionalmente relevante, que tenha uma textura, em contextos situacionais concretos, que distinga uma mensagem viva de um mero item numa gramática ou num dicionário. (CASTILHO, 2002, p. 118).

Nesse veio, Halliday (1993, p. 64) afirma que “a língua escrita tende a ser lexicalmente densa, mas gramaticalmente simples, enquanto que a língua falada tende a ser gramaticalmente intrincada, mas lexicalmente esparsa”. Mas, isso dependerá do contexto, ou seja, da situação. Pois, em texto jurídico por exemplo, podemos encontrar uma certa complexidade em sua estrutura. Assim, Castilho (2002) nota que:

[...] recursos prosódicos tais como *pausas, articulação enfática, alongamentos, certos itens lexicais e pré-lexicais* ou mesmo expressões mais complexas recorrem com certa frequência, funcionando como articuladores da conversação. Convencionou-se chamá-los *marcadores conversacionais* (= MC). (CASTILHO, 2002, p. 47).

Ataliba Castilho (2002) também comenta os estudos de Marcuschi (1989), o primeiro autor a descrever os Marcadores Conversacionais (MCs) no Português do Brasil. Marcuschi elabora um plano sistemático para observação dos marcadores conversacionais, englobando os recursos verbais, não verbais e suprasegmentais. Para o autor, os recursos verbais são classes de palavras “altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência” (MARCUSCHI, 2003, p. 61), as quais não contribuem para o desenvolvimento do assunto em questão. Isso acontece, pois algumas nem lexicalizadas são, como as palavras: “mm”, “ahã” e outras. O linguista ainda acentua que os recursos não verbais – os gestos, os meneios de cabeça, os risos, a gesticulação, dentre outros – têm um papel importante na interação, bem como os recursos suprasegmentais, que são os marcadores prosódicos, tais como alongamentos, entoação, mudança de ritmo e pausas.

Com o intuito de conceituar as pausas, Marcuschi (2003) enfatiza que há as pausas sintáticas e as não sintáticas. As pausas sintáticas de ligação podem exercer a função de conectores e atuam na construção interna da unidade, mas sem iniciar uma nova, enquanto que as pausas sintáticas de separação têm o papel de separar as unidades comunicativas. Já as pausas não sintáticas podem ser de hesitação ou de ênfase. As pausas de hesitação contêm motivação cognitiva, ao passo que as pausas de ênfase são utilizadas para chamar a atenção e sinalizar um pensamento.

Em acréscimo, Marcuschi (2003) destaca que os sinais verbais podem ser divididos em duas categorias: a produção dos sinais do falante e a dos sinais do ouvinte. Da mesma maneira, segundo os papéis específicos, cada qual pode ter funções conversacionais e funções sintáticas. Nas funções conversacionais, os sinais efetuados pelos falantes assumem o papel de sustentação do turno, envolvendo a produção e a compreensão de um participante sobre o que

o outro dissecar anteriormente no turno, bem como o resultado de sua resposta no turno posterior. Em outras palavras, as funções conversacionais preenchem, organizam os pensamentos, avisam e antecipam o que será dito. Ao mesmo tempo, os sinais produzidos pelo ouvinte exercem o papel de concordância, discordância, reformulação, exploração adicional do tópico etc. (MARCUSCHI, 2003). Nessa linha, Castilho (2002) traz a seguinte definição de turno conversacional:

Entende-se por turno o segmento produzido por um falante com direito a voz. O turno é constituído por uma palavra, sintagma, uma oração ou toda uma unidade discursiva. Um turno termina no “lugar relevante de transcrição”, em que o interlocutor pode supor que a intervenção de seu parceiro já se encerrou, e é sua vez de falar. (CASTILHO, 2002, p. 124).

Em vista disso, os marcadores conversacionais se distribuem em três turnos: iniciais, mediais e finais. A seguir, retomaremos o quadro que ilustra os marcadores constantes na obra de Marcuschi (2002), o qual vem servindo de fonte para novos estudos.

Quadro 7 – Quadro sinais conversacionais verbais.

QUADRO DOS SINAIS CONVERSACIONAIS VERBAIS						
SINAIS DO FALANTE (orientam o ouvinte)				SINAIS DO OUVINTE (orientam o falante)		
pré-posicionados		pós-posicionados		convergentes	indagativos	divergentes
no início de turno ex.	no início de unidade comunicativa ex.	no final de turno ex.	no final de unidade comunicativa ex.	ex.	ex.	ex.
"olha" "veja" "bom" "mas eu" "eu acho" "não, não" "epa" "perai" "certo, mas" "sim, sei, mas" "quanto a isso" "nada disso" "você esquece" "como assim?" etc.	"então" "ai" "daí" "portanto" "agora veja" "porque" "é" "mas" "assim" "por exemplo" "digamos assim" "quer dizer" "eu acho" "como vê" etc.	"né" "certo?" "viu?" "entendeu?" "sacô?" "é isso aí" "que acha?" "e então?" "diga lá" "é ou não é?" etc.	"né" "não sabe?" "certo?" "entende?" "de acordo?" "tá?" "não é?" etc.	"sim" "ahã" "mhm" "claro" "pois não" "de fato" "claro, claro" "isso" "ah sim" "ótimo" "tai" etc.	"será?" "não diga" "mesmo?" "é?" "ué" "como?" "como assim?" "o quê?" etc.	"não" "duvido" "discordo" "essa não" "nada disso" "nunca" "perai" "calma" etc.

Fonte: Marcuschi (2002, p. 71).

Tendo em vista o quadro de sinais conversacionais elaborado por Marcuschi (2002) e os conceitos de pausas sintáticas e não sintáticas, podemos compreender que os turnos conversacionais são organizados por meio de aspectos linguísticos que propiciam a interação

entre os interlocutores, os quais podem sinalizar hesitação, dúvida, concordância, questionamento, afirmação, reformulação de ideias, dentre outros. Pensando nisso, Urbano (1995) nota que:

São específicas as funções de monitoramento do ouvinte ao falante ou a de busca de aprovação discursiva pelo falante em relação ao ouvinte, ou ainda, de sinalizadores de hesitação, de atenuação ou de reformulação por parte do falante, ou ainda, de sua intenção de asserir ou perguntar. (URBANO, 1995, p. 100).

Em uma situação de conversação simultânea, a interação pode ser estruturada de formasimétrica ou a assimétrica. A interação simétrica é aquela em que ambos os sujeitos podem, igualmente, assumir o turno da conversa. Em contrapartida, na interação assimétrica um dos sujeitos assume o direito da palavra e desenvolve esse poder de fala de acordo com o que lhe convém. Não podemos deixar de pontuar que em uma interação também é possível ocorrer os pares adjacentes, os quais são um conjunto de dois turnos em que o desenvolvimento do primeiro participante da conversação desenvolve a resposta do segundo participante. Os pares adjacentes são visualizados em entrevistas e em audiências judiciais, contextos nos quais o primeiro participante conduz o turno conversacional e cede a fala ao segundo participante.

No que diz respeito à classe gramatical que assume o papel de MCs, Marcuschi (1989) assinala que quando se foca na análise do texto falado no processo de interação de um ou mais indivíduos, nota-se que poderá ocorrer uma descontinuidade na progressão textual. Marcuschi(1989) afirma, ainda, que “não é pela classe gramatical que identificamos o MCs, mas pela função que aquela forma tem na interação” (MARCUSCHI, 1989, p. 290). Assim sendo, Marcuschi (1989) explicita dois tipos de marcadores: *os marcadores pragmáticos ou interpessoais*, os quais fazem o monitoramento da conversação, da interação entre dois ou mais indivíduos; e *os marcadores textuais ou ideacionais*, que ajudam na organização do texto.

À vista disso, Marcuschi (1989) apresenta a seguinte classificação, com o objetivo de sistematizar as formas dos MCs em classes:

- 1) Marcadores simples: constituídos por apenas uma palavra;
- 2) Marcadores compostos: aqueles que dispõem de caráter sintagmático;
- 3) Marcadores oracionais: atuam em pequenas orações, podendo se apresentar em todos os tempos e formas verbais ou modos oracionais;

4) Marcadores prosódicos: realizados com recursos prosódicos, tais como a entonação, a pausa, a hesitação, o tom de voz etc.

Em relação à posição dos MCs no enunciado, Marcuschi (1989) defende que não há um posicionamento fixo, uma vez que é possível a ocorrência do MC no início, no meio ou no fim da cadeia sintagmática do discurso. Nesse contexto, Urbano (1999) dispõe que:

[...] a frequência com que certos marcadores ocorrem em determinadas posições tem levado os estudiosos a classificarem-nos como iniciais, mediais e finais em relação às unidades linguísticas com as quais eles estão envolvidos. Assim, marcadores como Bom e Bem costumam iniciar turnos, enquanto outros como “sabe?” e “certo?” costumam encerrá-los. (URBANO, 1999, p. 90).

Na língua oral, há algumas marcas específicas como comentários metalinguísticos e marcadores discursivos que não são encontrados no texto escrito. Há uma descontinuidade que é marcada pela hesitação, pelo alongamento de vogais e consoantes, pela ênfase, pela interrupção etc. Dito isso, discutiremos, na próxima seção, os tipos de marcadores conversacionais e suas funções nos processos de interação linguística.

3.1 Marcadores conversacionais linguísticos

Os marcadores conversacionais ajudam o sujeito falante na reformulação de suas falas e até mesmo na inserção de uma nova informação no exato momento em que o dizer é proferido. É válido frisar, como mencionado na seção anterior, que os marcadores em questão ocorrem tipicamente no texto falado. Pensando nisso, Castilho (2002) faz alusão ao estudo de Macedo e Silva (1987), os quais abordam diferentes tipos de MCs, como:

Marcadores Esclarecedores (“quer dizer”), de Apoio (“né?”, “tá?”), Redutores (“assim”, “eu acho”), Preenchedores de Pausa (“bem”, “ahn”), Resumidores (“coisa e tal”, “papapa”), Iniciadores (“bom”, “uhn”), Finalizadores (“então tá”, “não é mesmo?”), e Argumentadores (“sim mas”, “para mim?”). (MACEDO; SILVA, 1987 apud CASTILHO, 2002, p. 49).

As marcas de oralidade são bem comuns em conversas corriqueiras, encontradas em variados tipos de textos informais. Nesse sentido, é preciso considerar que elas podem ser afetadas por fatores de variação linguística, relacionados à origem geográfica, à classe social,

idade, ao gênero e à escolarização do falante, por exemplo. Ademais, Castilho (2002) expõe que:

Vários autores confluem na proposta de uma sorte de classificação genética, que leva em conta os momentos da conversação: a iniciação (“oi, tudo bom”, “escuta”, “viu?”, “vem cá”, “seguinte”, etc.), a manutenção (“e tem mais”, “perai”, etc.) e o encerramento (“e coisa e tal”, “sei lá”, “tá bom”, “OK”, “valeu”, “falô”, etc.). De todo modo, é evidente que os MCs são multifuncionais, exercendo simultaneamente o papel de organizadores interacionais e de organizadores textuais. (CASTILHO, 2002, p. 49).

Os marcadores conversacionais fazem parte dos recursos utilizados no andamento de uma conversa em textos considerados informais. Por exemplo, na fala informal, há os marcadores prosódicos, que seriam as pausas, o ritmo, os alongamentos de vogais, entre outros.

A expressão marcador conversacional designa elementos verbais, prosódicos e não linguísticos que desempenham uma função interacional qualquer na fala, podendo ser produzido tanto pelo falante quanto pelo ouvinte. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2005, p. 44).

Há também os marcadores utilizados para enfatizar uma fala, como: *claro, ahn, pode deixar, hum, viu, daí, pois é* etc. Castilho (2002) ainda menciona outros tipos de marcadores que estão presentes na oralidade:

Marcadores de atenuação, que subdivide com base em critérios formais e funcionais em Marcadores de Distanciamento (“parece”, “é possível que”, “diz[em]que”), Marcadores de Opinião (“acho que”, “creio que”, “tenho a impressão”), Hedges (“digamos”, “sei lá”, “não sei”, “possivelmente”, “provavelmente”, “talvez”, “de certa maneira”) e Marcadores de Rejeição (“não que eu saiba”, “se não me engano”). (CASTILHO, 2002, p. 49).

Em acréscimo, os marcadores linguísticos incluem os recursos de correção, repetição e parafraseamento, sobre os quais dissertaremos na sequência.

a) Correção

A correção, segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006), refere-se à produção de um enunciado linguístico que reformula um enunciado anterior, a fim de que o conteúdo

enunciativo seja adequado aos olhos de todos os interlocutores envolvidos na interação.

Ademais, Castilho (2002, p. 125) analisa que “a correção pode ser uma autocorreção, para abortar o ataque ao turno, ou heterocorreção, para atacar o turno”. O autor ainda tece observações acerca das sobreposições das vozes no discurso:

Concluindo que essas execuções linguísticas simultâneas são comuns nas seguintes situações: após uma pausa de cerca de sete segundos, após a produção de um segmento sintaticamente completo, após um fático interrogativo, quando o falante supõe que o interlocutor tinha terminado sua intervenção, nos assaltos ao turno, ou, finalmente, quando um falante quer colaborar com o outro, acrescentando segmentos, corrigindo, discordando, duvidando, perguntando ou respondendo. (CASTILHO, 2002, p. 125).

Marcuschi (2001) também faz uma análise acerca dos marcadores de correção:

Corrigir é uma estratégia de formulação textual que se manifesta de forma diferenciada na fala e na escrita. Durante um turno de fala, o falante pode mudar de idéia (*sic*) sobre o que está dizendo naquele momento, pode confundir-se na pronúncia de uma palavra ou na concordância verbal ou nominal, pode usar uma palavra inadequada, por exemplo. Para solucionar tais problemas, o falante corrige a sua própria fala. (MARCUSCHI, 2001, p. 105).

Destarte, Marcuschi (2001) explicita que, na escrita, essas reformulações, em geral, não ocorrem, haja vista que, ao contrário da fala, o texto escrito apresenta um maior nível de planejamento e monitoramento que tende a minimizar equívocos que suscitem correções. Todavia, é precípuo sinalizarmos que as estratégias de correção não estão sempre ausentes na escrita, já que, em determinadas situações, um texto escrito precisa, sim, ser reformulado para corrigir possíveis incoerências que afetem diretamente o processo de comunicação entre os interlocutores. No entanto, Marcuschi (2001) destaca que, em algumas modalidades escritas, podemos nos esquivar das correções, como em anotações pessoais, por exemplo.

b) Repetição

A repetição, conforme Marcuschi (2001), é uma estratégia de formulação textual mais recorrente na oralidade. Para tanto, o autor sustenta que “a repetição favorece o movimento da progressão textual valendo-se da repetição de elementos da oração, uma vez que, a cada estrutura repetida, uma nova informação é acrescentada ao texto” (MARCUSCHI, 2001, p. 113).

Dito isso, quando pensamos na fala, colocamo-nos diante de uma modalidade da língua que coexiste no instante da comunicação. Em outras palavras, a fala é, de modo geral, marcada pela espontaneidade e pela simultaneidade. Por conta disso, as possíveis incorreções engendradas no momento da interação são “editadas” pela repetição. Sendo assim, a ocorrência de repetições no texto oral é superior à ocorrência no texto escrito, na medida em que, na oralidade, “a cada cinco palavras, em média, uma é repetida” (MARCUSCHI, 1996, p. 96).

c) **Parafraseamento**

O parafraseamento, de acordo com Koch (2002), refere-se à interpretação do conteúdo numa direção específica, assinalando que todo discurso assente inúmeras significações. Nessa linha, Castilho (2002) evidencia que:

A paráfrase é a transformação progressiva do ‘mesmo’ (sentido idêntico) no outro (sentido diferente). Para dizer a ‘mesma’ coisa acaba-se por dizer ‘outra’ coisa, no termo de um processo contínuo de deformações negligenciáveis, imperceptíveis. [...] A paráfrase é um dos mais poderosos processos de constituição da língua. Ela pode implicar uma reconstrução do que foi dito (paráfrase reconstutora) ou numa explicação sobre a forma linguística utilizada (paráfrase metalinguística). (CASTILHO, 2002, p. 130).

Com isso, o autor defende a ideia de que, na paráfrase reconstutora, o falante retoma a sua própria fala ou a do interlocutor para afirmar o que foi dito e buscar a concretização, ou não, de tal afirmação. Já na paráfrase metalinguística, o falante procura explicar a significação de determinada palavra, trocando-a por outra ou simplesmente discordando da maneira com que tal palavra foi dita.

Diante do exposto, abordaremos, na seção subsequente, os marcadores conversacionais prosódicos, destacando os alongamentos vocálicos, a entonação, o ritmo, a altura da voz e as pausas, sendo que estas últimas englobam a hesitação e a interrupção.

3.2 Marcadores conversacionais linguísticos prosódicos

Os marcadores conversacionais prosódicos ou suprasegmentares são caracterizados como marcadores não verbais. Esses marcadores se utilizam de recursos como a entonação, o tom de voz, o ritmo, a velocidade, os alongamentos vocálicos, as pausas, entre outros.

De acordo com Marcuschi (2003), o tom da voz é considerado um dos recursos mais importantes na Análise da Conversação. Já o ritmo, a entonação e a velocidade fazem parte do conteúdo e da relação pessoal. As pausas, por sua vez, contemplam os sinais de hesitação, ênfase e interrupção. À vista disso, apresentaremos, brevemente, os recursos de alongamentos vocálicos, entonação, ritmo, altura da voz, pausas e interrupção.

a) Alongamentos vocálicos

Os alongamentos vocálicos têm a função de enfatizar e dar ritmo à fala. Além disso, funcionam como hesitações, estas que, como veremos adiante, também compõem as pausas.

b) Entonação

Para Marcuschi (2003), partindo do princípio pragmático (interacional) e sintático, a entonação tem papel primordial em relação a diferentes aspectos na Análise da Conversação.

c) Ritmo

Para Travaglia (2006), a fala pode seguir um mesmo ritmo e pode variar de acordo como padrão. Vale destacar que tal padrão é determinado pelo falante. Assim, se a fala tomar um ritmo acelerado ou lento, o falante poderá atrair atenção para certos elementos do seu texto.

d) Altura da voz

Normalmente, considera-se um tom padrão para indicar a altura da fala produzida pelo falante. No entanto, o falante pode utilizar alguns elementos para aumentar ou diminuir o tom de sua voz. Dessa forma, segundo Travaglia (2006), o tom elevado é empregado para destacar algo, ao passo que o tom mais baixo é utilizado para apagar, ofuscar e esconder algo. O autor, em seus estudos, destaca que nos substantivos podemos notar, de modo mais expressivo, a relevância na altura da voz. Ademais, o estudioso sustenta que há uma variação decrescente na altura da voz nos adjetivos, nos intensificadores, nas classes de verbos e advérbios, nos quantificadores, nos pronomes, nas preposições etc.

e) Pausas

Ao discorrermos sobre as pausas, podemos levar em consideração a assertiva de Marcuschi (2003), segundo a qual as pausas nem sempre se referem ao silêncio ou a uma hesitação. O autor ainda sustenta que as pausas são de extrema importância para a organização de um texto, sendo responsáveis por marcar intervalos curtos, médios ou longos. Nas conversas informais, elas podem desempenhar o papel de mudança de turno.

As pausas podem ser caracterizadas como:

1. Pausas sintáticas: de ligação e de separação

- a) de ligação: têm a função de substituir um conector como “e”, “então”, “mas”;
- b) de separação: têm a função de separar e restringir algumas unidades presentes na comunicação. São utilizadas para indicar o fechamento da unidade comunicativa ou para referenciar a diminuição do tom da voz.

2. Pausas não sintáticas: de hesitação e de ênfase

- a) de hesitação: são idiossincráticas, podem ou não ser preenchidas, servem como planejamento verbal e possuem motivação cognitiva;
- b) de ênfase: sinalizam o pensamento, podem reforçar ou chamar a atenção e aparecem, frequentemente, no interior do sintagma, entre o artigo e o nome.

f) Interrupção

A interrupção é entendida como uma via que possibilita à linguagem um olhar sobre si mesma. Nesse sentido, a interrupção se apresenta como um espaço reflexivo, na medida em que propicia rever o que acabou de ser dito ou antecipar o que será proferido (SILVA; CRESCITELLI, 2006, p. 86).

Ainda em conformidade com Silva e Crescitelli (2006), as interrupções são concretizadas no corte e na retomada. O corte é marcado pela falta do predicado e do complemento verbal. Assim, após o corte, efetua-se a retomada dos dizeres e a continuidade

dainteração.

A seguir, veremos os marcadores não linguísticos e o papel que eles exercem no discurso oral.

3.3 Marcadores conversacionais não linguísticos

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2005),

Os marcadores não-linguísticos como, por exemplo, o riso, o olhar, a gesticulação exercem uma função fundamental na interação face a face, na medida em que estabelecem, mantêm e regulam o contato entre os participantes: um olhar incisivo pode significar o encerramento do tópico discursivo ou um novo encaminhamento da conversação. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2005, p. 44-45).

Em sintonia com essa proposta, Marcuschi (2003) assinala que os marcadores conversacionais paralinguísticos englobam os movimentos corporais (cinésica), as condutas táteis (tacêsica) e a distância mantida pelos interlocutores (proxêmica). Dito isso, abordaremos conceitos de cinésica, tacêsica e proxêmica.

I. Cinésica

A cinésica, conforme Marcuschi (2003), são os movimentos corporais, como meneios de cabeça e gestos, que exercem um papel importante na interação face a face. Os gestos, os movimentos das cabeças e das mãos, o posicionamento dos pés, das pernas, as expressões faciais (como o sorriso), o modo dos olhos (como o piscar, a direção, a duração e a dilatação da pupila) também fazem parte dos movimentos corporais, de acordo com os estudos de Knapp (1982).

Para Knapp (1982), conforme as circunstâncias e as mudanças dos sujeitos, os gestos e os movimentos corporais podem desenvolver significados diferentes. Ademais, o autor classifica os gestos como os emblemas (inclinação de cabeça, aplauso como sinal de aprovação, o levantamento de mãos em sinal de atenção), os ilustradores (o corpo e a fala reagindo juntos em uma sincronia), os adaptadores (adquiridos normalmente durante a interação diária, vinculados a sentimentos negativos) e os reguladores (aperto de mãos, acenos, beijinhos, sorrisos etc.).

Os autores Weil e Tompakow (2015) pontuam, que os gestos antecedem e conduzem

o comportamento verbal. Além disso, são frequentemente reflexos das relações sociais. O relaxamento e a tensão pode ser relacionada aos aspectos emocionais.

Knapp (1982) também menciona as saudações em gestos, têm como propósito iniciar as interações. As despedidas, por sua vez, têm como função principal sinalizar a finalização da interação. No mais, as formalidades de despedidas abreviam os discursos e viabilizam o surgimento de uma nova interação. Para o autor, há duas condutas que sinalizam as mudanças de turno conversacional: o encerramento e a manutenção, condutas estas que são desempenhadas pelos falantes. Nesse sentido, os ouvintes também executam duas condutas: a solicitação do turno e a renúncia ao turno. Podemos encontrar, ainda, alguns movimentos reguladores que frequentemente estão presentes em condutas de mudança de turno e, assim, junto aos recursos linguísticos, caracterizam os marcadores conversacionais.

Dessa forma, caso ocorra o interesse pela manutenção do turno, o falante associará os tons de voz, as pausas, entre outros, aos movimentos corporais. Na iniciação de um novo turno, um simples gesto como levantar a mão ou até mesmo o dedo dará ao falante a indicação de que deverá finalizar o turno. No tocante à renúncia de turno, o ouvinte se posiciona de modo a demonstrar que continuará na posição de ouvinte.

Diante disso, notamos que as expressões faciais são incontornáveis para a interação face a face. Knapp (1982) salienta a relevância de atentarmos a tais movimentos, a fim de identificarmos se as feições engendradas estão relacionadas à personalidade do falante ou à atitude receptiva deste no que diz respeito à interação discursiva. Para tanto, temos três funções primordiais das expressões gestuais:

1. Abrir e fechar os canais de comunicação: bocejo e sorriso;
2. Complementar ou qualificar o comportamento do outro: ações utilizadas para ressaltar, minimizar ou apoiar as mensagens tanto de um quanto de outro sujeito da interação;
3. Substituir mensagens faladas: emblemas faciais que, por sua vez, não têm o papel de demonstrar a emoção real, referindo-se apenas a um lado do rosto.

Em síntese, Knapp e Hall (1999) salientam que não é tão fácil fazer uma análise sobre as expressões faciais, principalmente, o sorriso, pois ele pode nos levar a uma interpretação incorreta do estado emocional do sujeito. O sorriso, entretanto, pode ser influenciador em vários contextos sociais. Nessa esteira, na obra “O corpo fala: a linguagem silenciosa da

comunicação não verbal”, os autores Pierre Weil e Roland Tompakow (2015) destacam as relevâncias da linguagem corporal. Sendo assim, Weil e Tompakow (2015) discorrem sobre as variadas formas do sorriso, além de analisarem detalhadamente outras expressões faciais.

O comportamento visual também vem, ao longo dos anos, se destacando e chamando a atenção de diversos estudiosos. O interesse pelo olhar está se intensificando, porque os movimentos oculares são evidentes na interação face a face. Alguns aspectos como o tamanho, a cor, a posição dos olhos e das sobrancelhas, bem como as olheiras são extremamente importantes para a construção de sentidos no processo de interação.

Nesse caminho, Weil e Tompakow (2015) ressaltam que:

A região ocular é de imensa importância expressiva; revela, como todos sabem, a atitude da mente. Quem não é capaz de fazer uma lista mais ou menos nestes termos? Sobrancelhas abaixadas: concentração, reflexão, seriedade; Sobrancelhas levantadas: surpresa, espanto, alegria; Olhos brilhantes: entusiasmo, alegria; Olhos baços: desânimo, tristeza. (WEIL; TOMPAKOW, 2015, p. 29).

Em diálogo com Weil e Tompakow (2015), Knapp (1982) e Knapp e Hall (1999) relacionam os movimentos dos olhos com as múltiplas formas de expressão humana. Assim, o movimento dos olhos para baixo indica despreensão. O olhar mais aberto, por sua vez, demonstra franqueza. As pálpebras superiores levantadas tendem a indicar desgosto. Os olhos girados para cima podem sinalizar suspeita. Por fim, o olhar fixo e contínuo significa frieza.

Portanto, ao analisarmos a região ocular, considerando o contexto geral, como olhos e sobrancelhas, podemos identificar emoções de surpresa, de medo, de raiva e de euforia, por exemplo.

II. Tacêsica

A tacêsica (condutas táteis) é considerada por Knapp (1982) fundamental em todas as fases da vida, já que o toque pode designar alguns sentimentos. Esses sentimentos podem ser agradáveis ou desagradáveis, o que torna, em alguns casos, o toque um dos recursos mais eficazes de comunicação. Além disso, o toque pode indicar – parar de falar ou fale ou acalme-se.

III. Proxêmica

A proxêmica (distância mantida entre os interlocutores), de acordo Knapp (1982), auxilia na percepção e na utilização do espaço conversacional, proporcionando aos sujeitos uma forma mais adequada de interação. A determinação de distância é primordial para viabilizar uma situação confortável na interação. Além disso, a distância pode ser influenciada por fatores referentes à idade, ao sexo, às referências culturais e étnicas, aos ambientes, às atitudes, às emoções, aos temas, às personalidades e à relação entre os interlocutores. Por isso, ela se estabelece como um marcador conversacional na troca dialógica.

No próximo capítulo, pelo fato de esta pesquisa focalizar o gênero charge, abordaremos a multimodalidade e as multisssemioses.

4. MULTIMODALIDADES E MULTISSEMIOSES: À ANÁLISE DE IMAGENS

Como já mencionado anteriormente, a definição de texto está sendo estudada e discutida por muitos estudiosos. Nesse sentido, é importante ressaltar a urgência de compreensão e entendimento de variados textos presentes em diversos meios tecnológicos. Nas palavras de Moraes e Dionísio (2006), a expansão tecnológica tem promovido novos formatos de construção de informação. Os textos estão sendo vigorosamente influenciados por um número considerável de recursos utilizados para a interação na sociedade contemporânea. Logo, para Moraes e Dionísio (2006):

Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Com o advento das novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos layouts, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos. Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual (MORAES; DIONÍSIO, 2006, p. 32).

Nesse viés, a composição textual deixa de dar supremacia à linguagem escrita e acaba por englobar múltiplas e diversificadas semioses, ou melhor dizendo, inúmeros recursos visuais e imagéticos podem ser empregados. A intenção disso, na maioria dos casos, é agrupar dada mensagem a partir da linguagem visual. Contudo, em outros casos, tem-se o propósito de provocar determinados sentidos. Em consonância com os estudos de Dionísio (2011) e Silva (2014), a escolha da letra (fonte), a cor, o formato e a forma, assim como o modo com que esses elementos serão incorporados no papel serão fatores de suma importância para a significação dos textos. De acordo com Dionísio (2005), a conjunção desses modos de expressão é denominada multimodalidade. Nesse contexto, podemos destacar a frequente necessidade de leituras e de compreensão desses variados textos que são encontrados em diferentes meios e suportes, como *blogs*, *sites*, revistas, jornais etc. Esses textos se utilizam de diferentes recursos, como vídeos, imagens e áudios, além da palavra escrita. Neles, o leitor poderá fazer sua leitura de diversas formas, ou seja, poderá começar pelas imagens como auxiliares- integram o projeto de dizer e são iniciadoras de sentido e, depois pelo som ou vice-versa. Portanto, não há uma regra específica a ser seguida. Segundo Kress (1995), a multimodalidade é:

Um ‘tecer’ junto, um objeto fabricado que é formado por fios ‘tecidos juntos’ – fios constituídos de modos semióticos. Esses modos podem ser entendidos como formas sistemáticas e convencionais de comunicação. Um texto pode ser formado por vários modos semióticos (palavras e imagens por exemplo) e portanto, podemos chegar à noção de multimodalidade. Como advento de materiais computadorizados, multimídia e interacional, esta forma de conceituar a semiótica se torna cada vez mais pertinente. (KRESS, 1995, p. 7).

Na fala de Moraes (2007), os princípios linguísticos têm passado e superado as limitações no uso de palavras e frases na composição textual. As palavras e frases não são os únicos recursos que podem ser instigados na construção textual. Em um contexto simbólico marcado por uma consciência de texto ligada diretamente à supremacia da língua escrita, palavras e frases, as pesquisas da Linguística vão promover a confirmação de uma nova concepção de texto. No caso, esse conceito não abrange somente a escrita (palavras, sílabas, frases, letras), pois também envolve inúmeras unidades e semioteses. Pensando em tais unidades, destacamos as imagens. Assim, a imagem passará a fazer parte do grupo de elementos ou unidades, as quais auxiliam na construção do texto. Em outras palavras, o texto passa a ser constituído por múltiplas e diversificadas semioteses.

Levando em consideração esse contexto, há um vasto grupo de gêneros textuais constituídos por múltiplas semioteses. Assim, temos como exemplo os anúncios, os cartuns, as charges, as tirinhas etc. Aliás, esses gêneros são os mais pesquisados e estudados quanto à multimodalidade discursiva. Entretanto, nos dias atuais, todos os gêneros textuais concretizam características multimodais.

O fato é que, na contemporaneidade, com o avanço de novos recursos tecnológicos e informativos, a produção textual tem apresentado novas formas e modelos e, como consequência disso, tem incitado novas formas de leitura e de compreensão de textos.

De acordo com Rojo (2009a), houve uma transformação na formação dos textos devido aos diversos meios (mídias) e aos diferentes recursos informacionais que tornam os textos híbridos, dado que:

[...] na vida contemporânea, em que os escritos e falas se misturam com imagens estáticas (fotos, ilustrações, gráficos, infográficos) e em movimento (vídeos) e com sons (sonoplastias, músicas), a palavra texto se estendeu a esses enunciados híbridos de “novo” tipo, de tal modo que hoje falamos também em textos orais e em textos multimodais, como as notícias televisivas e os vídeos de fãs no YouTube. (ROJO, 2009a, não paginado).

Nesse sentido, a leitura e a escrita relacionadas às TDIC encontram-se numa transformação

constante. Um exemplo são os textos encontrados em livros impressos. Esses textos podem ser transferidos para as telas, valendo-se do mesmo formato. Dessa maneira, a forma de escrita e de leitura permaneceriam semelhantes. Em acréscimo, há uma constante reconfiguração nos mecanismos de comunicação e, com isso, novas formas de leituras e de produção de textos são engendradas. Essas alterações nas formas de produção e de circulação dos textos inspiram diferentes habilidades e modos de leitura, além de sugerirem uma maior interação entre o leitor e o texto. Nessa concepção, Dionísio, Machado e Bezerra (2010) asseveram que:

As alterações físicas no processo de construção dos gêneros provocam, conseqüentemente, uma mudança também na forma de ler os textos. O dinamismo da imagem do filme passou para a charge virtual, para o pôster interativo, a disposição do texto na página oscila entre os moldes ocidentais e orientais de escrita; estes são apenas alguns exemplos que deixam transparecer a necessidade de revisão do conceito de leitura e de suas estratégias que utilizamos em nossas aulas. Conseqüentemente, se os gêneros se materializam em formas de representação multimodal (linguagem alfabética, disposição gráfica na página ou na tela, cores, figuras geométricas etc.) que se integram na construção do sentido, o conceito de letramento também precisa ir além domeramente alfabético. Precisamos falar em multiletramento! (DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2010, p. 164-165).

Os multiletramentos, por sua vez, são entendidos por Rojo (2013) como:

Práticas de trato com os textos multimodais ou multissemióticos contemporâneos – majoritariamente digitais, mas também digitais impressos
– que incluem procedimentos (como gestos para ler, por exemplo) e capacidades de leitura e produção que vão muito além da compreensão e produção de textos escritos, pois incorporam a leitura e (re)produção de imagens e fotos, diagramas, gráficos e infográficos, vídeos, áudio etc. (ROJO,2013, p. 21).

Tendo em vista as multimodalidades e os multiletramentos, Rojo (2009b) define que a multiplicidade não é somente a soma de linguagens, mas sim o modo como se trabalha essa interação de leitura e de análise linguística, a fim de permitir ao aluno um maior conhecimento da linguagem e do mundo. Nesse sentido, espera-se que o aluno esteja apto a analisar as multissemioses presentes em diversos textos e, assim, conseguir produzir sentidos.

Outro ponto incontornável para a discussão proposta neste capítulo diz respeito ao papeldos letramentos. Segundo os apontamentos de Ribeiro(2009, p.17), “o letrado de que falamos aqui não é só o indivíduo culto, mas também aquele indivíduo que domina poucos

recursos da língua escrita”. E ainda o autor complementa:

Enquanto o alfabetizado é o indivíduo que domina uma tecnologia, o letrado pode até não dominá-la individualmente, mas sabe que o domínio da língua escrita (ou da língua oral de alguém letrado) implica certos usos e muitas possibilidades. O letrado analfabeto pode saber quais são essas possibilidades e pode até agir por meio delas, embora indiretamente.(RIBEIRO,2009, p.17)

Para tanto, Ribeiro (2012, p. 38) salienta que o conceito de letramento não é restrito, “uma vez que a humanidade inventará formas novas de escrever, novos gêneros de textos, suportes de leituras, etc., de acordo com as infinitas necessidades que temos e teremos, fazendo com que o horizonte de letramento esteja em expansão”. Em sintonia com Ribeiro (2012), Lima (2008) evidencia a expansão do conceito de letramento, haja vista que, se a princípio ele estava relacionado apenas à leitura e à escrita convencionais, na contemporaneidade ele “foi estendido para outras esferas da construção do conhecimento, incluindo aí a esfera virtual, originando a expressão tão em voga atualmente: letramento digital”. (LIMA, 2008, p. 4).

No tocante ao letramento digital, Soares (2002) afirma que a interação com as tecnologias suscita mudanças cognitivas, sociais e discursivas, uma vez que as práticas de leitura e de escrita na tela, por exemplo, demandam uma postura distinta das práticas de leitura e de escrita no papel.

Em vista disso, o conceito de letramento digital não fica atrás do conceito de letramento, pois ambos são amplos. Segundo Lima (2008), o termo letramento digital despontou em 1980, porém encontramos traços de pesquisas desde a década de 1940. A partir da década de 1990, tal conceito passou a ser fundamental devido ao grande avanço tecnológico e à propagação das tecnologias de informação que, por sua vez, alteraram os quadros sociais, políticos e econômicos.

Em linhas sumárias, podemos compreender que o letramento digital relaciona-se à capacidade de ler e de escrever em variadas situações no ciberespaço, usufruindo da internet e de recursos informacionais. Além disso, essa modalidade de letramento amplia o leque de possibilidades de leitura e de escrita nos meios de comunicação digital.

Nesse cenário, o leitor/escritor competente é aquele que consegue utilizar e se beneficiar de diferentes recursos tecnológicos. No entanto, é válido considerarmos, de antemão, que esse leitor/escritor já se apropriou da leitura e da escrita de textos tradicionais como, por exemplo, os textos impressos.

Conforme Santaella (2004, p. 15), as tecnologias, as linguagens e os recursos utilizados para observá-las “têm como principal característica propiciar a escolha e consumo individualizados, em oposição ao consumo massivo”. Ainda segundo a autora, os resultados das buscas na internet nada mais são do que individuais, caracterizando o que Santaella denomina “cultura digital”. Sendo assim, a busca não é massificada, mas sim diversificada, segmentada. Com isso, cada um é responsável por suas escolhas e, conseqüentemente, por seu nível de conhecimento.

À vista dessa multiplicidade de linguagem e de recursos digitais que marca a cena contemporânea, é relevante salientarmos que uma pessoa não é considerada letrada digitalmente só por saber ler e escrever. Hoje, nós leitores e, por extensão, escritores, precisamos conhecer, entender e saber manusear os diversos recursos tecnológicos que estão à nossa disposição. Uma criança nos dias atuais, por exemplo, é capaz de identificar e reconhecer variadas ferramentas tecnológicas, mesmo antes de começar a ter contato com a escrita e a leitura na escola. Dito de outro modo, as crianças de hoje podem, antes de serem alfabetizadas, ser consideradas letradas digitalmente.

Essas crianças e, até mesmo, jovens que dominam quase que espontaneamente os recursos digitais são conhecidos, segundo Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), como “nativos digitais” e/ou “geração internet”. Em suma, essas expressões nos lembram que há habilidades que vão muito além daquelas direcionadas aos objetivos educacionais, no sentido mais institucional e estrito do termo “educação”. Contudo, ao contrário dos “nativos digitais”, as pessoas com mais idade terão, muitas vezes, dificuldades para lidar e desenvolver o letramento digital. Para elas, manusear e entender o funcionamento de determinados aparelhos tecnológicos pode ser, além de uma tarefa complexa, algo intimidador, fato que acaba criando barreiras no processo de comunicação. Assim, o domínio das ferramentas digitais é essencial para analisarmos o significado de “ser letrado” hoje, pois sem esse domínio torna-se difícil comunicar em diferentes situações que demandam distintas habilidades comunicacionais, tais como enviar um *e-mail*, interagir nas redes sociais, fazer pesquisas na *web* e participar de reuniões no *Google Meet* ou no *Zoom*.

Nessa esteira, ser letrado digitalmente é se informar e informar o outro a partir do uso de diversos meios de comunicação existentes no cotidiano; é diferenciar entre o que tem ou não credibilidade; é desenvolver o senso crítico para avaliar o que está disponível em vários ambientes digitais; é, pois, dar sentido a múltiplos textos, compreendendo e significando o que se lê.

Em suma, a leitura de textos multimodais exige que o sujeito esteja apto a compreender diversos recursos semióticos existentes nesses tipos de texto. Portanto, nesse contexto, as relações entre multimodalidade e multiletramento estão entrelaçadas, pois a leitura de textos multimodais/multissemióticos demanda habilidades associadas aos multiletramentos.

O termo multimodalidade se constitui, portanto, a partir do princípio de que toda significação é fruto da inter-relação entre vários meios semióticos. Assim como na linguagem oral o sentido é representado pelas palavras, gestos, entonação, expressões faciais, ou mesmo o silêncio, em outros contextos de significação é importante analisar a conjunção entre linguagem verbal e imagem, disposição espacial, cores, áudios, vídeos, etc. Deve-se também ressaltar que a multimodalidade, ao se constituir em práticas de letramentos, configura-se, pois, como práticas sociodiscursivas, que possibilitam a compreensão e o questionamento de forças ideológicas e de poder com vistas à emancipação e transformação do indivíduo. (PINHEIRO, 2015, p. 211).

Rojó e Moura (2012) esclarecem que o termo multiletramentos surgiu a partir dos estudos de pesquisadores americanos do Grupo de Nova Londres (GNL), cujo objetivo era propor uma reflexão sobre a educação e os novos letramentos da cultura contemporânea. Rojoe Moura (2012) elucidam que o termo envolve os diferentes modos de representação que variam de acordo com a cultura e o contexto, sendo que a língua escrita é apenas um desses modos.

Na perspectiva dos multiletramentos, é necessário considerar que as diferentes tecnologias digitais da informação e comunicação estão ampliando a maneira como os falantes usam a linguagem, ou seja, como produzem, veiculam e interpretam os textos que circulam socialmente e que se constituem cada vez mais multimodais, formados pela combinação de várias linguagens (imagens estáticas, vídeos, textos escritos, memes etc.).

Devido a essa multiplicidade de linguagens presente em diversos textos (impressos, digitais, audiovisuais), é preciso desenvolver práticas para uma melhor compreensão e construção de sentido. Pensando nisso, não podemos desconsiderar que os textos impressos estão, cada vez mais, perdendo espaço para os textos digitais. Assim, “se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidos para participar de práticas de letramentos atuais não podem ser as mesmas” (ROJO, 2013, p. 8). O letramento oferece a possibilidade de uma leitura mais crítica, na qual ocorre uma análise sobre os danos e vantagens, bem como o entendimento da maneira com que as multissemioses se relacionam em situações sociais específicas para instituir sentido (ROJO,

2013).

Nesse caminho, pelo acesso às diferentes modalidades da linguagem e pelo conhecimento de suas diversas formas de representação, o sujeito pode agir de forma crítica na sociedade. Em sintonia com essa ideia, Oliveira (2006) assinala que, sabendo utilizar as múltiplas formas de comunicação modernas, o leitor tende a se tornar capaz de se conduzir com maior criticidade, fazendo usos da linguagem multimodal.

Segundo Freire (2004), o indivíduo só pode alcançar o pleno desenvolvimento de sua capacidade de raciocínio por meio da identificação ou do reconhecimento de qual deve ser o seu posicionamento diante da sociedade. Com isso, sua conduta será favorecida pelo letramento crítico. Dessa forma, compreende-se que letrar de forma crítica o indivíduo oferece-lhe a possibilidade de assumir uma postura ativa na interpretação dos textos e no entendimento do mundo, uma vez que o processo de extração de significado dará lugar a um processo de produção de sentidos. No entanto, somente a partir da conscientização do sujeito em seu posicionamento na sociedade e da consideração contextualizada da linguagem, essa construção poderá acontecer.

Ademais, Freire (2004) afirma que o desenvolvimento do pensamento crítico do sujeito irá capacitá-lo a ler percebendo a relação existente entre texto e contexto. Nessa perspectiva, partimos da noção de criticidade que se relaciona à capacidade de análise sobre as leituras realizadas, considerando a realidade social e o universo dos sujeitos, além dos elementos linguísticos. Nessa toada, Koch e Elias (2006) sustentam que:

O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexistia a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 11).

Nesse caminho, os textos são desenvolvidos de acordo com os métodos para o entendimento e para a inserção na multiplicidade de contextos e de culturas que nos circundam. Por isso, o texto é visto por Marcuschi (2008) como um evento comunicativo construído numa orientação multisistemas. Em consonância com Marcuschi (2008), Elias (2016) comenta sobre a multimodalidade como sendo um elemento que ajuda na construção do texto e que, por conta disso, vem sendo objeto de pesquisa e de análise em diversos estudos recentes da área sociocognitiva e interacional.

Ao analisarmos a forma como variados signos se relacionam na construção dos

discursos, notamos a inegável contribuição da semiótica social para o desvelamento dos interesses envolvidos na organização das linguagens. Alguns autores como Gunther Kress e Theo van Leeuwen (1996) reputam o fato de a informação chegar a nós por intermédio de diversos modos semióticos, tais como os visuais, os auditivos, os escritos etc. São sistemas – retomando a ideia de Marcuschi (2008) de que o texto é um multisistema – que se mesclam para nos modificar, atingindo-nos por inúmeros meios perceptivos. Além disso, a semiótica social considera que deva existir uma conexão sem interrupções na leitura de textos, pois tanto imagens como palavras nos dão pistas sobre os sentidos do texto, dado que, para essa ciência, o texto não simboliza apenas algo escrito, mas também algo mais criativo, mais elaborado, que combina imagens, espaços, ordem, letras etc. Concebemos, então, que tal teoria amplia a noção de texto.

Nos últimos 80 anos, estudos referentes à semiótica procuraram retratar como as interações sociais com base comunicativa são produzidas de acordo com o interesse de quem as manuseia. Estudos como o de Saussure (1970) apontam que a arbitrariedade rege os signos, sendo estes compostos por significante e significado, pertencendo a elementos exteriores aos sujeitos, ancorando-se na representação. Desse modo, essa sucessão de formas de representação passa a ser conceituada na semiótica como modos semióticos.

Conforme ponderam Kress e van Leeuwen (1996), os signos, na semiótica social, são descritos a partir do método de produção que junta significantes e significados, sendo o processo de criação da comunicação proveniente da história de seu autor, marcado por um contexto específico. De acordo com Pimenta e Maia (2014), as variadas ideologias e manifestações culturais que assinalam as práticas comunicativas constroem socialmente os sentidos e tornam-se, por consequência, o foco da semiótica.

A partir da ideia de Kress e van Leeuwen (1996), percebemos que a organização da linguagem ocorre em torno de um contexto, no qual tanto o autor quanto o leitor optam por modos semióticos em uma série de possibilidades para ressaltar sua produção. Tudo isso a fim de que a mensagem se faça inteligível, ocorrendo, então, a conjunção dos modos semióticos acionados.

Nesse sentido, vislumbramos que a multimodalidade está ligada a toda composição textual, uma vez que ocorre a mobilização de inúmeros elementos semióticos para sua formação, além da modalidade escrita da linguagem. Com isso, segundo Macedo (2017), os efeitos resultantes da interação nada mais são do que a combinação entre dois ou mais modos de representação, propiciando alterações de acordo com o objetivo desejado.

Em muitos textos contemporâneos, recursos como a diagramação e a utilização de

imagens para a comunicação exigem um nível mais elevado de compreensão. Bazerman (2007) faz referência à perspectiva semiótica, a fim de evidenciar que, na produção e na leitura de diversos textos (orais e escritos), os diferentes tipos de linguagens se fazem presentes, ressaltando, também, alguns fatores importantes de ordem social, cultural, econômica etc.

Na sociedade atual, há, de fato, uma ampla produção de textos visuais nos quais precisam ser considerados o *layout*, a diagramação, as cores, as imagens etc. Vários pesquisadores e estudiosos começaram a investigar a integração de recursos semióticos e a forma como esses recursos compõem os textos multimodais e as modalidades comunicativas.

Dionísio, Vasconcelos e Souza (2014) tecem considerações sobre a multimodalidade no contexto social, referenciando pesquisadores pioneiros como Kress e van Leeuwen, citados anteriormente. As autoras mencionam duas obras muito importantes desses autores: “Reading Image: The Grammar to Visual Design (GDV)”, de Kress e van Leeuwen (1996) e “Social Semiotics”, de Hodge e Kress (1998). Segundo Dionísio, Vasconcelos e Souza (2014),

O pioneirismo destes autores se deve ao fato de proporem o desenvolvimento das principais noções da Linguística Sistêmico-Funcional (modo, transitividade, dado/novo etc), originalmente voltadas para o sistema linguístico, para outros modos de comunicação. (DIONÍSIO; VASCONCELOS; SOUZA, 2014, p. 50).

Aliás, Dionísio, Vasconcelos e Souza (2014) reconhecem os pontos positivos da teorialinguística desenvolvida pelo britânico M. Halliday, na qual o autor defende que, ao fazermos o uso da língua, as nossas preferências vêm principalmente do meio em que estamos inseridos, ou seja, do contexto social. Dessa forma, as autoras (2014) observam:

Sem se remeter a esse contexto, não há como se descrever e interpretar adequadamente as diversas práticas que realizamos com a linguagem, bem como compreender os sistemas que compõem as línguas. Para o autor, a linguagem é um potencial semiótico ao qual recorreremos para significar, e os usos recorrentes consolidam as significações contidas nesse potencial. Halliday (1985, 2004) compreendia a linguagem como um modo semiótico, que cumpre propósitos sociais, na qual identificou a existência de três tipos de trabalho semiótico e os denominou de metafunções: ideacional, interpessoal e textual. (DIONÍSIO; VASCONCELOS; SOUZA, 2014, p. 51).

Kress e Van Leeuwen (1996), linguistas e semioticistas, defendem a importância do desenvolvimento do método de análise que verifica como todos os recursos semióticos

presentes em um determinado texto, de forma conjunta, poderão produzir significados sociais. Esses autores destacam a Gramática Visual, segundo a qual o sentido será construído conforme as formas, lugares e posições de cada indivíduo por meio das interações sociais.

Kress e Van Leeuwen (1996) ainda apontam, em seus estudos, que toda prática social que tem como foco a comunicação é multimodal, pois essa comunicação se utiliza de vários artifícios, construindo significados comunicativos. Alguns exemplos são os gestos, as imagens e a escrita, que podem ser utilizados como meios de comunicação.

Apesar de não ser restrita ao meio virtual, a multimodalidade também se apresenta como uma característica importante desse ambiente, pois o espaço virtual retrata uma maior integração entre as semioses (som, imagem, linguagem verbal), incitando o usuário, que pode se impressionar com a riqueza de recursos em um só ambiente. É válido ressaltar que a multimodalidade não se limita ao conceito de imagens atreladas a palavras, mas estende-se, inclusive, à forma (estrutura gráfica) como se organiza um texto em um determinado contexto. Para tanto, Dionísio (2005) sinaliza:

Importante mencionar que ao conceber os gêneros como multimodais, não estou atrelando aos aspectos visuais meramente a fotografias, telas de pinturas, desenhos, caricaturas, por exemplo, mas também à própria disposição gráfica do texto no papel ou na tela do computador. (DIONÍSIO, 2005, p. 164).

Em acréscimo, Dionísio (2005) disserta sobre os estudos de Jewitt (2003), nos quais alega-se que há quatro suposições que sustentam a abordagem multimodal. A primeira suposição é a de que os significados são construídos, recebidos, interpretados e reconstruídos por meio de diferentes modos comunicativos (gestos, imagens, expressões, olhares etc.) e isso não somente pelo ato da fala e da escrita. A segunda suposição está relacionada ao uso das semioses no contexto histórico, cultural e social e da forma com que elas serão utilizadas para fins comunicativos. A terceira suposição faz referência ao modo como cada pessoa pode selecionar e organizar as diferentes formas, a importância de tais recursos para a interação e a construção de significados. A quarta remete à questão relacionada ao momento da produção do signo, às regras e normas que deverão ser seguidas no instante da produção. Cabe-nos destacar que essas suposições estão atreladas à questão social, ou seja, tudo será relacionado principalmente ao produtor do signo, a seus interesses e motivações.

Conforme Kress e Van Leeuwen (1996), a interação entre os participantes, no caso,

os produtores e espectadores, é de extrema relevância, pois são eles que, por intermédio da interação, produzem e atribuem sentido às imagens dispostas no contexto das instituições sociais. São esses sujeitos que regulamentam o que pode ou não ser expresso a partir das imagens. Esse é um aspecto fundamental a ser considerado neste trabalho, sobretudo na análise do gênero charge em que os sentidos são produzidos pelos interlocutores na produção e na leitura desse gênero tão associado ao contexto social. Nesse sentido, ao tentarmos conceituar a multimodalidade, podemos perceber que estaremos diante de duas questões: o uso de diferentes linguagens e a multiplicidade cultural.

À vista disso, Rojo (2016) analisa que um mesmo texto ou enunciado é “irrepetível”, ou seja, o texto pode se apresentar de formas diferentes, conforme o discurso e o meio no qual será inserido. O texto ou enunciado poderá ser o mesmo, mas o sentido será diferente em cada contexto, como no âmbito de um grupo social, familiar, político, religioso etc. Isso acontece, pois cada grupo apresenta pensamento, ideologia e cultura diferentes.

Nessa perspectiva, é plausível entendermos que um texto multissemiótico dispõe de sentidos diversos, variando conforme o meio no qual circula. Além disso, o fator contextual também ocasiona mudança de significação de um texto para outro.

Após discutirmos as questões da multimodalidade e das multissemioses que se relacionam ao gênero charge, passaremos, no próximo capítulo, a uma breve abordagem do gênero mencionado.

5. GÊNERO CHARGE- AS MARCAS PREDOMINANTES DO GÊNERO TEXTUAL

A charge é um gênero em que o autor emite uma opinião de caráter crítico/humorístico de um fato ou acontecimento específico. Muito utilizada na imprensa, principalmente na esfera jornalística, a charge faz uso de expressiva ironia do cotidiano e da atualidade (COSTA, 2020). Além disso, a charge é a representação gráfica de alguma informação já adquirida pelo público, e isso de acordo com a assimilação do desenhista.

A palavra “charge” é de origem francesa: *charger*, que significa “carga”. Na charge, há uma caracterização normalmente dotada de exageros de algo ou alguém, fazendo com que a pessoa ou algo se torne grotesco, tosco, ridículo. A charge tem a finalidade de expor ao ridículo, satirizar, criticar algum acontecimento do momento e, sobretudo, retratar um fato social ou político relevante.

Para ser compreendido, esse gênero vem sempre acompanhado de um outro texto (notícia), além de expressar o posicionamento do autor e do veículo de comunicação. Mas, deve se levar em consideração o contexto sócio-político em qual o texto foi produzido. E, um ponto primordial, é que a charge faz menção a fatos e acontecimentos no momento presente, daí sua efemeridade.

É relevante ressaltar que a charge, além de possuir caráter humorístico, e, apesar de seu texto poder apresentar um conteúdo ingênuo e desprezíveis, a charge é uma ferramenta considerada muito importante para a conscientização, pois ao mesmo tempo que informa, ironiza, diverte, além de denunciar determinada situação.

No entanto, a charge é, muitas vezes, confundida com o cartum, o qual faz relação com os fatos vivenciados no dia a dia, ou seja, situações que, não raro, são consideradas pouco importantes por serem taxadas como naturais do cotidiano. Segundo Costa (2020):

Apesar de ser confundido com o cartum, palavra de origem inglesa (cartoon), são dois gêneros textuais diferentes, pois ao contrário da charge, que sempre é uma crítica contundente, o cartum retrata situações mais corriqueiras do dia a dia da sociedade. Como texto de opinião, a charge pode ter alcance maior do que o editorial, por isso, muitas vezes, é temida pelos governantes. Quando se estabelece censura em algum país, a charge geralmente é o primeiro alvo dos censores. (COSTA, 2020, p. 72).

O texto charge é um texto que descreve sobre situações de determinado tempo, ou seja, trata de críticas sociais, políticas em um contexto definido. Desse modo, para ser compreendido é utilizado diferentes meios de pesquisas como jornais, revistas, noticiários, entre outros. Já por outro lado, o cartum é utilizado em críticas atemporais. Não necessita de contextualização

histórica.

As charges são apresentadas em suportes distintos e com isso classificadas de formas diferentes. Alguns exemplos são as charges tradicionais, charges eletrônicas e as videocharges. As charges tradicionais são as mais comuns e são encontradas em jornais e revistas, por exemplo. As charges eletrônicas são as encontradas no meio digital e podem fazer uso de variados recursos como o som, por exemplo. E, as videocharges são charges utilizadas em suporte digital como meios televisíveis, redes sociais, além disso uma das suas características é que são transformadas em animações.

Nessa linha, muitos autores e pesquisadores da área defendem hoje a necessidade e a magnitude de se trabalhar esse tipo de texto multimodal. Assim sendo, Marquesi, Pauliukonis e Elias (2017) postulam que:

A leitura desses gêneros exige, particularmente, a descrição dos elementos verbais e visuais, a saber, os signos icônicos ou imagéticos, que remetem à analogia com o real, os signos plásticos (cor, textura, forma) e os de contorno (balões, por exemplo). E mais: a articulação entre os diferentes dados sóicos pode ser verbalizada sem que haja necessidade de hierarquizá-los. [...] a constante interação entre o conteúdo de um texto e o leitor é mediada pelos objetivos da leitura. Pelo fato de a charge ser também um texto para fazer rir, é importante ressaltar que as teorias do humor nos respaldam para dizer que o riso é suscitado basicamente por dois “gatilhos”: o do insólito, da surpresa e do exagero. A interpretação da charge, em especial, impõe ainda sua contextualização devido à efemeridade desse gênero em relação aos fatos contemporâneos motivadores de sua criação. (MARQUESI; PAULIUKONIS; ELIAS, 2017, p. 149).

Feita essa breve abordagem sobre o gênero charge, no próximo capítulo, discutiremos sobre a metodologia utilizada nesta pesquisa.

6. METODOLOGIA

Neste estudo, procuramos analisar as marcas de oralidade encontradas em textos multimodais e multissemióticos, mais especificamente, em charges. A escolha do tema se justifica pela grande importância da compreensão desse gênero de texto, uma vez que ele apresenta diversas formas de linguagem e semioses.

Em acréscimo, as charges, além de serem de fácil acesso, principalmente na internet, apresentam, com frequência, certas críticas a alguns posicionamentos existentes no nosso meio social, político e em outros grupos presentes na nossa sociedade. Dessa forma, procuramos averiguar a charge como objeto de pesquisa, a fim de refletir sobre as potencialidades que tal gênero dispõe para a formação do leitor crítico, ampliando os conhecimentos e as habilidades de leitura em textos informais.

Para tanto, a construção do *corpus* deste trabalho contemplou charges publicadas em diferentes meios de comunicação – *sites*, jornais e revistas –, visando investigar as marcas de oralidade que perpassam esse gênero. Assim, as 14 charges analisadas foram selecionadas como intuito de diversificar os conteúdos, bem como recorrer a variados autores, os quais retratam fatos e notícias do cotidiano.

Entre os autores escolhidos, podemos destacar: Maurício Rocha, Ricardo Manhães, Adnael Silva, Junião, José Bello da Silva Junior (Bello) e Arionauero, cujas obras foram extraídas de *sites* como Brasil de Fato e Jornal da Ilha do Governador. Os trabalhos desses chargistas tecem críticas a acontecimentos políticos e a outros assuntos de destaque na sociedade.

O sustentáculo teórico da análise foi construído, sobretudo, pelos estudos de Marcuschi (2001, 2005), de Labov (1972) e de Castilho (2002), autores que estudam a funcionalidade da língua e as suas variações. Destacamos também outros estudiosos como Dionísio, Vasconcelose Souza (2014), Urbano (1995), Kress e Van Leeuwen (1996) e Elias (2011), cujas pesquisas são direcionadas aos letramentos e às multimodalidades.

Por fim, é válido ressaltarmos que esta pesquisa apresentou caráter qualitativo. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), esse tipo de metodologia envolve uma abordagem interpretativa do mundo, em que seus pesquisadores estudam as coisas, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

No próximo capítulo, dialogaremos acerca das análises realizadas neste estudo.

7. ANÁLISE DE MARCAS DE ORALIDADE NA CHARGE

Conforme introduzimos anteriormente, este capítulo foi construído a partir das análises das charges selecionadas como *corpus* desta dissertação.

Dito isso, vejamos a primeira charge analisada, produzida por Adnael Silva.

Figura 2 – Charge 1.



Fonte: Gazeta de Alagoas – 19/05/22.

A charge em questão é marcada pela crítica aos altos custos vivenciados pela sociedade. Tal posicionamento já é evidenciado pelos recursos linguísticos utilizados no título “custo de vida”. Aliás, o contraste entre o fundo preto e o branco dos dizeres “custo de vida” reforça, ironicamente, a ideia da “luz no fim do túnel”. Essa temática também é destacada no uso da palavra “tô”, uma variante muito comum na fala, no vernáculo, que compete com a forma de prestígio “estou” (LABOV, 1972). O uso da palavra “pois” no início da fala no segundo balão evidencia, de acordo com Castilho (2002), uma tomada de turno. Ao passo que o segundo “pois” caracteriza um marcador ideacional. A expressão “vai lá” (vá lá- verbo e deitico) utilizado para indicar um lugar não específico.

Os marcadores não linguísticos apresentados são salientados nos gestos e nas expressões corporais dos personagens, como afirmam Fávero, Andrade e Aquino (2005). O personagem masculino é marcado pelos olhos grandes e pela expressão de sorriso no rosto, significando uma postura esperançosa. Além disso, uma de suas mãos aponta algo que ele vê mais adiante, expressando a confiança no futuro, a “luz no fim do túnel”. A posição da personagem feminina também expõe os marcadores não linguísticos, dentre os quais se

destacam as feições do rosto: uma sobrelanceira levantada, indicando raiva e indignação; a boca meio torta, sinalizando irritação; e os olhos direcionados ao outro personagem, demonstrando que seus dizeres – e inquietações – se dirigem a ele. A posição de uma das mãos levantada em sinal de pausa também é um fator que explicita a reprovação da personagem.

O cenário, por sua vez, retrata a situação de vida cotidiana, vivenciada por muitas famílias da nossa sociedade. Em destaque está uma mesa e sobre ela as contas para pagar. Não podemos deixar de mencionar o casal, o qual faz referência aos chefes de família (o pai e a mãe) ou simplesmente um casal lutando para manter as contas em dia, ou seja, lutando para sobreviver. Nessa questão, podemos lembrar de Costa (2020), autor que afirma que a charge se refere a situações corriqueiras experienciadas na sociedade, de forma crítica.

Dito isso, observemos, agora, a segunda charge analisada, de autoria de Junião.

Figura 3 – Charge 2.



Fonte: Site ponte.org – 05/09/2020.

A charge utiliza a temática “cenas do cotidiano” para fazer uma crítica ao preconceito racial que, ao ser tratado como uma “cena do dia a dia”, evidencia os atos de racismo vivenciados diariamente pela população negra. O título, escrito em preto com fundo amarelo, sinaliza advertência, o que reforça a fala da mulher para que o marido tenha “cuidado para não ser preso”, discurso que denota que a violência racial também é institucionalizada, uma vez que é muitas vezes praticada por policiais, por exemplo. No mais, os marcadores linguísticos são ressaltados na palavra “tchau”, um marcador de finalização que, por extensão, pode ser lido como a possibilidade de o garoto não reencontrar o pai, além de ser um marcador que enfatiza o gesto do garoto e do pai.

Na fala da personagem feminina, a pausa é empregada pela utilização do conector “e”, o qual indica mudança de turno e dá sequência à interação. Esse recurso é destacado por Marcuschi (2001), o qual sustenta que as pausas podem aparecer no início de turno (como hesitações ou pausas preenchidas) ou propiciar mudanças de turno.

Os marcadores não linguísticos são apontados pelas características físicas dos personagens, como cor da pele e cabelos ondulados (cacheados). Em vista disso, Urbano (1995), Kress e van Leeuwen (1996) destacam que, no propósito comunicativo, são utilizados vários artifícios para a construção de sentidos.

Além disso, os personagens representam uma família de trabalhadores, característica marcada pelas vestimentas. A mulher é retratada com saia, salto, camisa social e bolsa. Já o homem é representado com terno, gravata, maleta e sapato social. O garoto, por sua vez, carrega uma mochila, indicando que está a caminho da escola. Nessa “cena cotidiana”, podemos notar que as expressões faciais dos personagens adultos também ressaltam o sentimento de medo e de preocupação, sentimentos vivenciados por muitas pessoas pretas que precisam sair de casa, mas receiam não retornarem, ou por serem assassinadas ou por serem presas.

Na sequência, apresentaremos a terceira charge analisada, produzida por Maurício Rocha.

Figura 4 – Charge 3.



Fonte: Jornal da Ilha do Governador – 10/09/2021.

Nessa charge, o autor Maurício Rocha estabelece uma crítica e faz uso de recursos linguísticos e não linguísticos, os quais ressaltam a precariedade das estradas. Assim, Rocha emprega recursos linguísticos como os marcadores prosódicos, que são utilizados com a finalidade de mostrar uma fala gaguejada nas palavras “disse” [DI... DI... DI...] e “tem” [T...

T... T...], além de demarcar uma pausa, fazendo uso de artifícios como as reticências após as duas palavras, enfatizando o marcador conversacional. Nessa esteira, podemos revisitar Dionísio (2005), autora que discorre sobre a importância da utilização de variados recursos para a construção de significados. Já em relação aos marcadores não linguísticos, ressaltamos a perspectiva de Fávero, Andrade e Aquino (2005) sobre o papel desses recursos para o estabelecimento de relações entre os participantes, organizando o andamento e/ou o encerramento de uma conversação.

Nesse contexto, Maurício Rocha trabalha com a imagem de um carro saindo do chão (voando) e com suas peças (parafuso, retrovisor e farol) caindo pela estrada. As linhas cinéticas em torno do carro reforçam o movimento do carro. A figura do motorista é destacada pela imagem sem cor. Os olhos e a boca são os únicos traços marcados em sua afeição. Aliás, os faróis do carro são representados como olhos estrábicos pelo tremor da estrada esburacada. Reforçando essa ideia, o autor desenha o asfalto com um aspecto que imita as ondas de uma praia, proposta ratificada pelo texto escrito “onda nas praias da ilha”.

A quarta charge analisada, de autoria de Bello, é disposta a seguir.

Figura 5 – Charge 4.



Fonte: UFJF Notícias – 18/01/2017.

Na charge em questão, são utilizados os recursos linguísticos e os não linguísticos paracriticar as leis estipuladas. Assim, o autor faz uma crítica à redução da maioria penal. Com isso, ele ironiza que somente os jovens da população menos favorecida, isto é, aqueles que possuem menor poder aquisitivo e escolaridade, serão condenados pela justiça.

Nos recursos linguísticos, o uso da variação estilística (gíria) está salientado no

texto. As gírias também funcionam como marcadores regionais e sociais, no caso, elas se referem ao contexto periférico das grandes cidades. Nesse veio, conforme Labov (1972), evidencia-se o fator social ou diastrático, relacionado à cultura e aos hábitos de variados grupos sociais. Nessa charge, ressaltam-se o nível escolar, o sexo e a classe social.

A palavra “agora” é um marcador temporal e tem a função de marcar sintaticamente o início da fala, de acordo com Marcuschi (2001). Outro ponto importante é o uso de palavras escritas de maneira informal, como “podê” e “dimenó”, as quais destacam as variedades sociais, ou seja, a classe social dos personagens. E, a junção da palavra de menor em “dimenó” enfatiza essa linguagem.

Nos recursos não linguísticos, a cena com a imagem dos personagens afirma a crítica feita pelo chargista. Assim, a imagem reforça que os personagens são marginais, devido às suas vestimentas e aos objetos em mãos, em específico, armas. A posição no muro, como de vigias de uma comunidade, é disseminada em vários meios de comunicação. As fisionomias dos personagens, por sua vez, retratam a questão da idade e da baixa escolaridade, esta última também evidenciada pela informalidade da linguagem empregada por eles. As expressões dos personagens, cujas faces são marcadas com características fortes, como a boca aberta e os olhos arregalados do personagem à direita, expressam desespero e preocupação.

Diante do exposto, partiremos para a quinta charge analisada, produzida por Maurício Rocha.

Figura 6 – Charge 5.



Fonte: Jornal da Ilha do Governador – 18/01/2021.

A charge faz uma crítica às taxas abusivas e ao aumento de preços enfrentados no contexto da pandemia. Nesse caso, o autor da charge evidencia o mês de janeiro. Para isso,

foram utilizados recursos linguísticos destacados pelos marcadores iniciadores e pelos elementos não lexicais na palavra “AAHHH”.

Ademais, há um marcador de distanciamento ressaltado na pergunta da mulher “É paradesinfetar!?” diante do pedido do marido. Ocorre, ainda, o marcador de atenuação que, na charge, denota a carga semântica de rejeição da palavra “NÃÃO!”. Tal palavra é enfatizada pelas letras maiúsculas e pela repetição/alongamento das vogais “a” e “o”, as quais sugere prolongamento de fonemas.

Na linguagem informal, destacada na expressão “É pra tacar fogo mesmo!!!”, o marcador prosódico é explicitado no ponto de exclamação após a palavra “mesmo”, indicando também a finalização de um turno. Além disso, o “tacar fogo” é uma forma muito utilizada no vernáculo, na fala menos monitorada.

Os recursos não linguísticos utilizados têm como foco o posicionamento e as expressões do personagem: posicionamento das mãos e traços demarcados no rosto (como os olhos fixos na folha que representa uma conta/boleto). Os traços ao redor do personagem, principalmente nas mãos e nas costas, fazem referência a um tremor. Ao utilizar esse recurso, o autor da charge nos remete à afirmação de Marcuschi (2005), na qual o autor menciona que os marcadores não linguísticos são empregados para marcar o olhar, os risos e as expressões corporais.

Vejamos, agora, a sexta charge, de Arionauero.

Figura 7 – Charge 6.



Fonte: Blog do cartunista Arionauero – 04/04/2016.

A charge acima faz referência à situação vivenciada pelo povo nordestino. A seca nordestina é um fato de domínio público, apesar de nos dias atuais estar atingindo outros pontos do país. O título “NO NORDESTE...” situa o local onde se encontram os personagens e, mais do que isso, a região à qual pertencem.

No primeiro balão, o radialista informa sobre a situação vivenciada na cidade de São Paulo, para a qual migram vários nordestinos e cidadãos de cidades e/ou regiões menos favorecidas do país. O apêndice é representado em um formato que evidencia o som vindo do rádio.

Podemos notar que a palavra “Atenção!” caracteriza o início da informação, marcador ideacional. Nesse contexto, podemos relacionar esse marcador à mudança de turno, especificamente, à iniciação do turno (MARCUSCHI, 2001). O sinal de reticências depois da palavra “água” e da palavra “complicada” dá sentido a algo que está ocorrendo não só naquele momento, mas há algum tempo, denotando continuidade. Assim, os marcadores prosódicos ditam o ritmo, as pausas e o andamento dos textos informais (CASTILHO, 2002).

No segundo balão, a fala da mulher é marcada por uma questão de variação linguística. Para tanto, tomando como base os estudos de Labov (1972), entendemos que a variação presente na charge está relacionada ao fator social ou diastrático, que se relaciona ao nível de escolaridade, ao sexo e à idade, além de fatores relacionados aos preconceitos linguísticos – dialeto caipira. Também temos o fator diatópico, que é caracterizado pela fala de determinada região, como a palavra “MIÓ”, que vem de “melhor”, na qual o “lh” é vocalizado e o “r” final é cancelado.

Por conseguinte, veremos a sétima charge, produzida por Paulo Batista.

Figura 8 – Charge 7



Fonte: Brasil de Fato.

A charge apresentada faz uma crítica ao comportamento das pessoas de maior poder aquisitivo que se opõem à solidariedade destinada às pessoas menos favorecidas. Essa ideia é evidenciada pela fala “essa solidariedade me afronta” do personagem que simboliza a classe burguesa e privilegiada.

No texto em pauta, a palavra “absurdo” é um marcador linguístico que remete a uma posição de discordância em relação aos atos solidários. Além de ser uma frase nominal típica da oralidade. E, ainda no âmbito dos recursos verbais, o termo “quentinhas” é característico da fala vernacular, explicitando a disparidade socioeconômica dos personagens.

Os recursos não linguísticos, por seu turno, dialogam com os recursos verbais para enfatizar a posição dos personagens. Desse modo, o personagem/enunciador é representado com vestimentas típicas de pessoas pertencentes à elite, trajando terno, gravata e cartola. Inclusive, o cifrão (\$) presente na cartola simboliza o grupo social ao qual o personagem pertence. Em contrapartida, os personagens dispostos à direita são retratados com roupas mais simples. A mulher que produz as “quentinhas”, por exemplo, é apresentada com um avental vermelho, remetendo à posição de alguém que trabalha para “servir” outras pessoas. Um detalhe que, a nosso ver, não pode passar despercebido se refere ao posicionamento do personagem elitista que, embora enuncie que a solidariedade é uma afronta, insere-se na fila das “quentinhas”. Por esse viés, conseguimos extrair da charge uma crítica incisiva à classe privilegiada que enriquece e se beneficia da exploração das classes mais pobres. Em outras palavras, é plausível lermos que os ricos mantêm seus privilégios se alimentando das “quentinhas” de “quem vive na rua”.

Dito isso, observemos a oitava charge analisada, do chargista Duke.

Figura 9 – Charge 8.



Fonte: Fundação Lauro Campos e Marielle Franco – 30/03/2015.

A charge apresentada tem como temática uma crítica ao Sistema Único de Saúde, o SUS. Os recursos linguísticos trabalhados nessa charge são destacados pelos marcadores argumentares (“mas”, “é que”). De acordo com Marcuschi (2005), esses tipos de marcadores sinalizam a tomada de turno. Outra estratégia destacada é o uso de marcadores de atenuação, como o de distanciamento “é provável”. No mais, o alongamento da vogal “e” na palavra “ATÉÉÉ” remete à demora dos atendimentos do SUS.

No tocante aos recursos não linguísticos, destacamos as expressões faciais dos personagens que estão conversando. Nesse sentido, podemos evidenciar o olhar, contornado por olheiras, do homem de camiseta amarela. As olheiras podem, quando associadas aos signosverbais, ser lidas como um símbolo do cansaço diante da demora dos atendimentos do SUS. As mãos dos personagens são destacadas com um posicionamento de votadas para trás, sendo somente do primeiro falante uma delas estendida sinalizando a conversa. Ademais, a extensão da fila também reforça o atraso nos atendimentos.

Vejam, a seguir, a nona charge analisada.

Figura 10 – Charge 9.



Fonte: A Gazeta do Acre – 15/12/2016.

Nessa charge, podemos encontrar alguns marcadores conversacionais que englobam recursos linguísticos e não linguísticos. A expressão “Enquanto isso”, em “Enquanto isso, num velório...”, é um marcador temporal. Esse marcador é tonificado pelas reticências inseridas após a palavra “velório”, indicando um alongamento da situação comunicativa. As palavras “num”

(em um), “prum”(para um) e “pro”(para o) evidenciam a junção de palavras.

A palavra “BUÁÁÁ” é uma onomatopeia representativa de choro. Assim, o choro da esposa no velório do marido é acentuado pelo alongamento da vogal “a”. Com relação à ideia do choro, visualizamos as expressões faciais da mulher. Ela é retratada com os olhos cerrados, que expõem lágrimas, e com a boca aberta, que espelha agonia e dor. Os braços esticados sobre o cadáver do marido também compõem a cena do sofrimento.

Em vista disso, notamos que os recursos linguísticos e os não linguísticos são utilizados para complementar os marcadores, estes que “servem para designar não só elementos verbais, mas também prosódicos e não linguísticos que desempenham uma função interacional qualquer na fala”. (ELIAS, 2011, p. 19).

Na sequência, analisaremos a décima charge, de Ricardo Manhães.

Figura 11– Charge 10.



Fonte: Site Ndmais – 01/04/2021.

A charge, cuja temática é o *Lockdown*, faz uma crítica às situações vivenciadas durante a pandemia. O autor Ricardo Manhães trabalha com recursos linguísticos, fazendo uso de artifícios como as onomatopeias destacadas para evidenciar o som da panela: “TAC TAC TAC”. Nesse caminho, podemos visualizar a importância de tais recursos para a interação e para a construção de significados (DIONÍSIO; VASCONCELOS; SOUZA, 2014).

O uso do marcador de alongamento no final da palavra “CASAAA” marca uma

ênfase. Na charge, também está presente o marcador conversacional que sinaliza a fala informal do personagem que ouve os dizeres “FICA EM CASAAA!” e responde “NÃO DÁ”, “TÔ QUEBRADO”. O uso da palavra “fica”, a qual é um verbo que sinaliza a indicação do fique em casa. A frase “Não dá.” uma resposta curta, na qual indica a situação dos personagens confirmada em suas vestimentas, além da repetição da palavra casa. A redução da palavra estou para “tô” sinalizando o uso de linguagem informal.

Os recursos não linguísticos apresentados se referem à imagem de uma família (pai, mãe e filho), a qual o autor representou com vestimentas rasgadas e sujas, caracterizando a pobreza e a miséria. A fisionomia, os gestos e a postura dos personagens compõem o quadro triste de pessoas que podem ter perdido tudo. Em acréscimo, o comportamento da mulher na janela, batendo em uma panela, remete-nos à atitude de parcela da população que defendia a permanência do isolamento social no contexto pandêmico.

A seguir, visualizamos a décima primeira charge, de Maurício Rocha.

Figura 12 – Charge 11.



Fonte: Jornal da Ilha do Governador – 06/11/2020.

Nessa charge, Maurício Rocha faz uma crítica à maneira como os motociclistas se comportam no trânsito de Tubiacanga, um bairro da cidade do Rio de Janeiro.

Rocha faz uso de alguns recursos linguísticos como o marcador argumentador visível na interrogativa “Viu aquilo?”, o qual também é um marcador verbal lexical. A palavra “viu”, utilizada no sentido de indagação, é um sinal de sustentação de turno e caracteriza o início da conversação. Na palavra “voad...” indica uma palavra não finalizada e que dá indicação de algo interrompido- pausa/interrupção. Já na palavra “comandante...”, há marcadores

prosódicos representados pelas reticências no final da palavra, sinalizando ato de apaziguar, acalmar uma determinada situação. A palavra “VVVRRUUMM...”, além de ser realçada pelas repetições das letras, representa o som que tanto pode ser do avião quanto da moto, indicando velocidade (dêitico). Os sinais de pontuação são utilizados para enfatizar uma entonação.

Por conseguinte, a palavra “calma” configura uma tomada de turno e uma pausa sintática de separação. No mais, o grito dado pelo motociclista “UHUUU!!” exprime um aspecto semântico não lexicalizado.

Os recursos não linguísticos expressos na charge são de grande valia para a construção e para a compreensão do texto, uma vez que ajudam na produção da linguagem. Dito isso, a figura do avião é representada pelo som que, como citado anteriormente, pode se referir ao barulho do motor do avião e/ou da moto. As letras maiúsculas na onomatopeia “VVVRRUUMM...” simbolizam um som muito alto. Já a figura do motociclista dando um salto na moto e gritando em sinal de vibração marca a adrenalina e a euforia engendradas pela manobra e ajuda a construir os sentidos do texto. Em acréscimo, a imagem ilustra uma proximidade entre o chão e o céu, a fim de legitimar a ideia de que o motociclista, assim como o piloto do avião, está “voando”.

Partiremos, então, para a análise da décima segunda charge, de Pelicano.

Figura 13 – Charge 12.



Fonte: Tribuna Ribeirão – 14/04/2022.

Na charge analisada, o autor trabalha com uma crítica direcionada aos altos preços de água, luz e telefone. Nos recursos linguísticos representados, percebemos algumas mudanças de turno. A princípio, a expressão “Sério?” demonstra sinais de expectativa do ouvinte diante

da informação proferida pelo vidente: “Vejo muita luz em seu futuro!”. Posteriormente, o turno é alterado pela expressão “Peraí!”, forma contraída de “espera aí”, muito utilizada na fala vernacular (LABOV, 1972). No instante em que o vidente diz “Peraí”, as expectativas do outropersonagem são rompidas, pois o termo em questão assinala uma reformulação do enunciado antes proferido.

Tendo em vista a construção e o rompimento das expectativas do rapaz, notamos que o potencial sígnico do texto é complementado pelos recursos não linguísticos. Assim, os traços do sorriso na face do rapaz e os olhos bem abertos ratificam o entusiasmo gerado pelas palavras iniciais do vidente. Contudo, tal entusiasmo cede espaço à decepção suscitada a partir do “Peraí” dito pelo vidente, de modo que as expressões faciais do rapaz são delineadas pelo olhar deprimido e pelos lábios tristes, cerrados e voltados para baixo. Além disso, o personagem do vidente, no primeiro cenário, aparece como se estivesse calmo, olhando diretamente para o rapaz. Todavia, num segundo momento, seu olhar é direcionado para outro ponto, na medida em que, ao anunciar a má notícia, o vidente não consegue mais mirar os olhos de seu interlocutor. Outro aspecto importante é a toalha da mesa que, na primeira cena, aparece com um sol, uma estrela e uma lua; ao passo que, na segunda cena, a toalha dispõe somente de uma lua e duas estrelas. Com isso, a ausência do sol configura um tom mais obscuro ou, melhor dizendo, o ofuscamento da luz antes vista para o futuro do rapaz.

Vejamos, agora, a análise da décima terceira charge, produzida por Maurício Rocha.

Figura 14 – Charge 13.



Fonte: Ilha Notícias – 10/06/2022.

Na charge, é efetuada uma crítica ao uso das calçadas para estacionamento de

automóveis. Para tanto, Maurício faz uso de recursos linguísticos como os marcadores de alongamento que aparecem após a expressão “Calçada... território sem lei...”. No exemplo citado, o alongamento é expresso materialmente pela inserção das reticências, sinalizando que há “algo por dizer”. Esse “algo” pode ser lido por nós como indicativo da imprudência no trânsito, evidenciando atitudes que ocorrem frequentemente sem que haja uma séria fiscalização. As frases “Sai da frente!”, “Sai você” e “Gente...” são marcadores conversacionais, utilizados no início da conversação e demarcam a troca, ou seja, mudança de túnel.

Considerando as estratégias empregadas para a constituição da cena, destacamos o imbricamento dos recursos linguísticos, antes discutidos, com os não linguísticos. Dessa forma, observamos que as falas do motorista e do pedestre são dispostas em vermelho, simbolizando a raiva que perpassa o confronto verbal dos dois personagens. Essa raiva é, ainda, evidenciada pelas feições dos rapazes.

O motorista é retratado com a boca aberta, em referência ao elevado tom da fala; com o olhar fixo, contornado por sobranceiras franzidas e pelas narinas dilatadas, indicando alteração emocional; e com o braço esticado para fora do veículo, em direção ao pedestre, dirigindo o tom da voz e a irritação ao seu interlocutor.

Já o pedestre é ilustrado, também, com a boca aberta, esbravejando; com as sobranceiras arqueadas, em sinal de descontentamento e fúria; com o tronco e o olhar voltados para o motorista, canalizando sua raiva; com uma das mãos aberta, em sinal de alerta, e a outra com o punho fechado, demonstrando contrariedade e discordância frente à atitude irresponsável do motorista. Ademais, os joelhos do pedestre estão flexionados, posicionamento este que pode indicar humilhação ou, até mesmo, relutância.

Em contrapartida, o manobrista é apresentado com traços mais amenos, estabelecendo um contraste com as posturas conflitivas dos outros dois personagens. Nesse sentido, destacamos que, ao contrário dos dizeres em vermelho do motorista e do pedestre, a fala do manobrista está em preto, consolidando uma ideia de pacificidade diante do confronto, a qual também é marcada verbalmente [“Vamos conversar...”]. Em sintonia com essa proposta, o personagem em questão possui olhos pequenos e fechados, conferindo uma atmosfera de sonolência, calma e desânimo. O braço paralelo ao corpo, a mão abaixada e os dedos dobrados criam a sensação de relaxamento. Esse contexto passivo do personagem é completado pelo polegar direito que sinaliza um “ok”.

Por fim, apresentaremos a análise da décima quarta charge, de Maurício Rocha.

Figura 15 – Charge 14.



Fonte: Ilha Notícias – 25/03/2022.

Na charge apresentada, notamos um teor crítico acerca do uso das tornozeleiras eletrônicas. Para a construção dessa crítica, foram empregados marcadores de negação na expressão “O meu direito de **não** ir e **não** vir foi violado!”. No mais, a expressão “E quero dizer...” evidencia um marcador conversacional de valor ideacional, uma vez que o “e” indica mudança de turno. Para além disso, a inserção da expressão “E quero dizer...” propõe uma reformulação dos enunciados proferidos anteriormente. Ao dizê-la, a personagem da tornozeleira eletrônica realiza uma autodefesa – ou “direito de resposta” –, afirmando que ela está funcionando corretamente e que o responsável por infringir a lei é o preso que a utiliza, “esse cara que é abusado...”. A tentativa de autodefesa é corroborada pela variação “tô” (no último balão), que contrapõe à modalidade formal “estou” (no primeiro balão). Assim, além de considerarmos que o “tô” é uma variação social ou diastrática que sinaliza o grupo social do preso, ele também indicia um uso vernacular coerente com o propósito comunicativo espontâneo e “apressado” da tornozeleira ao buscar se defender da responsabilidade de violação da lei.

Em relação aos elementos não verbais, a cor vermelha nas palavras “nã**o**”, em “O meu direito de **nã**o**** ir e **nã**o**** vir foi violado!”, é um recurso enfático que visa salientar um trocadilho com “o direito de ir e vir”, garantido pela Constituição. Associado a isso, temos o protagonismo da tornozeleira eletrônica. A personificação do objeto é construída a partir de traços faciais como o olhar vermelho, delineado pelas sobrancelhas arqueadas e pelas pálpebras entreabertas, que remete ao descontentamento e à raiva da personagem que não teve o seu direito à (não) liberdade respeitado. No entanto, essa construção semântica só é viabilizada pela presença do tornozelo do preso. Assim, a metonímia humana (a perna, o

tornozelo e o pé) propicia a “humanização” da tornozeleira, tornando-a capaz de falar, de denunciar a violação praticada pelo preso e de reivindicar seus direitos.

Em linhas breves, as análises das 14 charges selecionadas constataram a forte presença de marcadores conversacionais e de ocorrências relacionadas à variação linguística nesses textos multimodais e multissemióticos. Com efeito, a observação das charges ratificou o papel inegável dos recursos não linguísticos para a construção de sentidos textuais. Sendo assim, pudemos entender e demonstrar que a linguagem ultrapassa a complexidade e a amplitude do texto escrito quando consideramos a diversidade de semioses que constituem os gêneros textuais, sobretudo na contemporaneidade. Dito isso, passaremos às considerações finais deste estudo.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa discutiu as marcas de oralidade no gênero charge, um texto multimodal e multissemiótico. O *corpus* selecionado para o estudo foi constituído por charges produzidas por Maurício Rocha, Ricardo Manhães, Adnael Silva, Junião, José Bello da Silva Junior (Bello), Arionauero, Pelicano e Duke, as quais foram extraídas de *sites* e jornais. A partir das análises, compreendemos como as marcas da língua oral estão presentes, de forma acentuada, em diferentes textos e como as leituras desse gênero textual podem contribuir para um amadurecimento crítico e auxiliar na formação leitora em um contexto social, histórico e cultural que suscita perfis de leitores multiletrados. Em acréscimo, ressaltamos que a percepção crítica dos traços de oralidade nas charges perpassa, conforme explicitamos nas análises, a significação de recursos não verbais como cores, imagens, gestos, expressões faciais, dentre outros, associados aos recursos verbais.

Desse modo, elaboramos um percurso teórico e metodológico que nos possibilitou visualizar a importância das charges no nosso cotidiano. Nesse sentido, este estudo se apresentou, também, como um caminho para ressignificarmos o gênero charge, uma vez que, não raro, ele é visto como um texto banal, destinado apenas a momentos de lazer e de entretenimento. Assim, a nossa proposta foi colocar em evidência o potencial sógnico que caracteriza a charge, tornando-a capaz de veicular críticas sociais, políticas, econômicas e históricas. Com efeito, tal gênero textual se oferece a nós, leitores, como uma lente que focaliza as incongruências de nosso dia a dia e que nos traz a possibilidade de romper o pragmatismo cotidiano que, muitas vezes, turva a nossa visão acerca da realidade e de nossos próprios comportamentos.

Em vista disso, no capítulo “Oralidade”, evidenciamos o papel da língua falada e da língua escrita em nossa sociedade multissemiótica, na contramão da perspectiva dicotômica que concebe a escrita e a fala como polos opostos e estanques. Para tanto, destacamos as diferenças e as semelhanças entre oralidade e escrita, ratificando a relevância de considerarmos, de modo conjunto, as tradições escrita e oral para as nossas práticas discursivas nas múltiplas esferas sociais.

No capítulo “Marcas de oralidade”, discorremos sobre os marcadores conversacionais linguísticos, prosódicos e não linguísticos, considerando, também, as variações linguísticas. Sendo assim, percebemos, com base em teóricos como Marcuschi (2002), Urbano (1995) e Marquesi, Pauliukonis e Elias (2017), que a fala apresenta características dialógicas próprias.

Nela, podemos encontrar um elevado número de marcadores conversacionais que realçam a sua simultaneidade. Além disso, tais marcadores desempenham diversos papéis no processo comunicativo, como início e finalização de turnos, pausas, hesitações, ritmo, entonação, reformulações de ideias, dentre outros. Dessa forma, as marcas da língua oral na escrita impulsionam a potência semântica dos discursos e gêneros textuais multimodais e multissemióticos.

No capítulo “Multimodalidades e Multissemioses”, revisitamos o conceito, em expansão, de multimodalidade e multiletramento, tendo em vista o aporte de teóricos como Rojo (2009a, 2009b, 2013, 2016), Rojo e Moura (2012), Ribeiro (2012) e Kress (1995). Feito isso, investigamos os aspectos relacionados aos textos que circulam na contemporaneidade e que são construídos a partir do entrelaçamento de diferentes recursos linguísticos, tais como vídeos, imagens, cores, escrita etc. Assim, notamos que o hibridismo de linguagens presentes em gêneros textuais como a charge, por exemplo, suscita uma mudança de posicionamento do leitor, o qual precisa ser multiletrado.

No capítulo “Gênero charge”, caminhamos, brevemente, pelas características e papéis sociais do gênero charge. Para tanto, sustentamo-nos nos estudos de Costa (2020) e de Elias, Marquesi e Pauliukonis (2017), a fim de salientarmos a articulação de múltiplos dados sógnicosque, no gênero em questão, viabiliza a construção do tom crítico e, inclusive, político direcionado a um determinado contexto histórico e a situações experienciadas no cotidiano.

Por conseguinte, no capítulo “Metodologia”, evidenciamos a natureza qualitativa desta pesquisa, a partir da definição elaborada por Denzin e Lincoln (2006), e discorremos acerca dos procedimentos teórico-metodológicos que sustentaram tanto a seleção das charges que constituíram o *corpus* do estudo quanto a realização das análises propriamente ditas.

Por fim, no capítulo “Análise das marcas de oralidade na charge”, investigamos 14 charges, produzidas pelos chargistas Maurício Rocha, Ricardo Manhães, Adnael Silva, Junião, Bello, Arionau, Pelicano e Duke. Nas análises, pudemos observar que os autores, cada qual com seu estilo e propósito comunicativo, valeram-se de diversos recursos linguísticos e semióticos, como as falas dos personagens, os títulos, etc., e não linguísticos, como as expressões faciais das figuras representadas, a organização dos elementos nas imagens, as cores empregadas para enfatizar aspectos específicos do texto, entre outros. À vista disso, verificamos que a significação desses textos multimodais e multissemióticos demanda uma interação mais intensa entre o leitor e o texto, de modo que o interlocutor consiga estabelecer relações entre os recursos dispostos nas charges e os seus conhecimentos sócio-históricos e culturais.

Nesse ínterim, as charges foram escolhidas devido a necessidade de um maior conhecimento desse tipo de texto, além de ampliar a visão de tais textos presentes na contemporaneidade. O intuito da pesquisas foi reconhecer diversos recursos linguísticos e semióticos presentes em todas as charges apresentadas. Um dos principais aspectos que ajudaram na escolha foram diferentes recursos utilizados pelos autores, como por exemplo, modos de expressão, cores, formatos, entre outros. Desse modo, os autores procuram de alguma forma não só expor suas opiniões, mas também chamar atenção para determinado fato, além de evidenciar alguns pontos que são importantes não só para esse trabalho como também para pesquisas sobre formas de expressão, variação regional, variação linguística e marcas de oralidade presentes de forma elevada em tais textos.

Em linhas sumárias, as considerações finais aqui tecidas não se configuram como uma “conclusão”, pois o nosso propósito não é encerrar discussões sobre o tema. Antes, esperamos que novas problematizações sejam suscitadas a partir da leitura de nossa pesquisa, haja vista que, como dissertamos ao longo do texto, os campos de estudos sobre os textos multissemióticos estão, na contemporaneidade, em constante expansão. Assim, sintonizadas com essa perspectiva de ampliação, registramos, nesta dissertação, nossos fios teóricos que, esperamos, possam ajudar a tecer as redes de diálogos voltados às investigações de gêneros de textos multimodais e multissemióticos que são, constitutivamente, transpassados por marcas de oralidade.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola, 2007.
- BAZERMAN, Charles. **Escrita, Gênero e Interação social.** São Paulo: Cortez, 2007.
- CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- CASTILHO, A. T. de. Para o estudo das unidades discursivas. In: _____. **Português cultofalado no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.
- DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** Palmas/União da Vitória/PR: Kaygangue, 2005, p. 159-177.
- DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros Textuais e ensino.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2010.
- DIONÍSIO, A. P.; VASCONCELOS, L. J.; SOUZA, M. M. **Multimodalidades e Leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais.** Recife: Pipa Comunicação, 2014.
- DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- ELIAS, W. M. **Ensino de Língua Portuguesa: Oralidade, Escrita e Leitura.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ELIAS, W. M. Estudos do texto, multimodalidade e argumentação: perspectivas. **ReVEL**, edição especial, v. 14, n. 12, 2016.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. O par dialógico pergunta-resposta. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português cultofalado no Brasil: construção do texto falado.** Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2006.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GNERRE, M.; **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **Spoken And Written Modes of Meaning. Media texts. Authors and Readers**. David Graddol, Boyd.Barrett. The Open University, 1993.

KLEIMAN, A. B.; VIEIRA, J. A. O impacto identitário das novas tecnologias da informação e comunicação, In: MAGALHÃES, I., CORACINI, M. J. & GRIGOLETTO, M. (Orgs.).

Práticas identitárias: língua e discurso. São Paulo: Editora Claraluz, 2006, p. 119-132.

KNAPP, M. L. **La comunicacion nom verbal: el cuerpo y el entorno**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1982.

KNAPP, M. L.; HALL, J. A. **Comunicação não verbal na interação humana**. São Paulo: JSN, 1999.

KOCH, I. V.; ELIAS, W. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-Ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Contexto, 2002.

KRESS, G. **Writing the future: English and the making of a culture of innovation**. London: National Association for the Teaching of English, 1995.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

LABOV, M. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press,

1972. LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, M. C. A. Experienciando o letramento digital: sistematização de uma pesquisa-ação online. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 213-224, 2008.

MACEDO, J. O. R. Textos publicitários impressos e sua abordagem nos livros didáticos de língua portuguesa. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MÍDIA E DISCURSO NA AMAZÔNIA: DISCURSO E CONTEMPORANEIDADE: HISTÓRIAS, ESPAÇOS E SUBJETIVIDADES, 3, 2017, São Luís. **Anais do III DCIMA**. São Luís: EDUFMA, 2017. Disponível em: <https://congressosufma.wixsite.com/iiidcima/anais>. Acesso em: 08 jun. 2022.

MARCUSCHI, L. A. A coerência no hipertexto. In: RIBEIRO, A. E.; COSCARELLI, C. (orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005, p.185-208.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. 5ª.ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs). **Gêneros Textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucern, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 1989, p. 281-318.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual**. In: KOCH, I. V. (Org.). Gramática do português falado. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, W. M. **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017.

MORAES, A. S. Pôster acadêmico: um evento multimodal. **Ao Pé da Letra** (UFPE), v. 9, 2007.

MORAES, A. S.; DIONÍSIO, A. P. O entorno dos pôsteres acadêmicos. In: Congresso de Iniciação Científica da UFPE, 2009, Recife. **Anais do XVII Congresso de Iniciação Científica da UFPE**. Recife, 2009.

OLIVEIRA, S. Texto visual, estereótipos de gênero e o livro didático de língua estrangeira. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 47, n. 1, p. 91-117,

2006. ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papyrus (original de 1982), 1998.

PIMENTA, S. M. O.; MAIA, D. G. Multimodalidade e letramento: análise da propaganda Carrossel. **Revista Desenredo**, v. 10, n. 1, p. 12-20, 2014.

PINHEIRO, P. A. Construção multimodal de sentidos em um vídeo institucional: (novos) multiletramentos para a escola. **Veredas** (UFJF. Online), v. 19, p. 209-224, 2015.

PINTO, E. P. **História da língua portuguesa: século XX**. São Paulo: Ática, 1988.

RIBEIRO, A. E. **Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação**. São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, A. E. **Novas tecnologias para ler e escrever: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. S. (Org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 371-390.

ROJO, R. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, R. (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009b.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R. **Textos multimodais**. In: Glossário Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita), Faculdade de Educação. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2009a. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais>. Acesso em: 15jun. 2022.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

SILVA, M. C. P. S.; CRESCITELLI, M. F.C. Interrupção. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. V. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.p. 71-86.

SILVA, S. P. **O Texto Visual na Educação Infantil: Contribuições para Construção do Conhecimento da Criança**. *Arredia*, v. 3, n. 5, 2014, p. 77-101.

SOARES, M. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio – Revista Pedagógica**, 2004.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas: Cedes, v. 23, n. 81, 2002.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 8. ed. São Paulo, Cortez, 2006.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no processamento da informação. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I. V. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2006. p. 167-215.

URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1999, p. 195-258.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de Textos Oraís**. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação**

nãoverbal. 74. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.